

Trapaceira do governo: 2045 com roupa nova para manter o arrocho

Tribuna Operária
Cr\$ 50,00
**PC do Brasil propõe:
Governo provisório
para sair da crise**



Com a tiragem recorde de 102 mil exemplares, saiu a edição especial da TO com a palestra de J. Amazonas na Assembleia Legislativa gaúcha

Dieese mostra aumento

Dados do Dieese mostram: com o aumento de 246,4% na cesta básica de alimentos, o salário mínimo atual não chega nem para alimentar um homem. pág. 3

Preços médios dos 12 produtos essenciais

Produtos	Setembro 1982 (Cr\$)	Setembro 1983 (Cr\$)	Aumento (%)
1 quilo de carne	622,24	2.288,97	267,9
1 litro de leite	63,00	165,00	161,9
1 quilo de feijão	141,05	1.014,76	619,4
1 quilo de arroz	140,39	445,21	217,1
1 kg de farinha de trigo	78,14	282,55	261,6
1 quilo de batata	71,00	499,00	602,8
1 quilo de tomate	121,94	259,11	112,5
1 quilo de pão	163,23	480,87	194,6
1 quilo de café em pó	781,18	1.687,50	116,0
1 dúzia de bananas	76,33	266,03	248,5
1 quilo de açúcar	95,00	197,00	107,4
1 quilo de banha	331,74	1.150,53	246,8
1 quilo de manteiga	998,76	1.839,75	84,2

Figueiredo anunciou que quer um "diálogo" para mudar o odiado decreto 2.045 — mas só na forma, pois, diz ele, "os objetivos da política adotada têm que permanecer". O governo

procura desta forma impedir que o decreto da fome seja derubado no Congresso — o que era dado como certo — mudando a forma para manter o conteúdo do arrocho salarial. Pág. 3

Saqueadores de S. Paulo: "Não vamos passar fome"

Entrevista exclusiva com as mulheres, homens e crianças da Favela do Jardim Robru, que contam por que e como saqueiam supermercados. Pág. 8



Conversa fiada

Em linguagem militar, o general Figueiredo foi à televisão para tentar uma manobra diversionista. Apresentou-se com fala mansa, acenou com a possibilidade de "reexaminar" o decreto 2.045 e concluiu apelando para que todas as forças políticas unam-se ao governo para encontrar medidas adequadas à gravidade da situação. Disse ainda que neste momento a questão da sucessão presidencial passa a segundo plano.

Mas ninguém é tolo para cair nesta conversa fiada. Nem o próprio presidente acredita no que diz. Enquanto de público promete o debate, nas conversas reservadas com políticos do seu partido, declara: "No começo pensei em fazer algo com a colaboração do Congresso. Agora vejo que é impossível". E reafirma: "Não troco o Ministério. Sou teimoso". No próprio discurso na TV, embrulhado com as promessas de ouvir todas as opiniões, diz que "os objetivos da política adotada têm de permanecer". Ou seja, sua proposta real é mudar qualquer coisa desde que fique do mesmo jeito.

Em relação à afirmação de que a sucessão passa para segundo plano e que todos devem se unir ao governo, parece até piada. Mais do que a sucessão, o que está na ordem do dia é o afastamento imediato de Figueiredo e a liquidação do regime militar. Tal força tem esta questão que seu impacto abala diretamente o presidente. Ele já admitiu que por perder o controle da sucessão pode "largar o partido e a coordenação" e inclusive que pode renunciar, "largar tudo e voltar para casa". E mais; desesperado com as tramas de direita dentro do próprio sistema ameaçou: "Só sairei daqui morto". E ainda tem coragem de declarar que a sucessão fica para depois! Nestas horas o que faz falta é mesmo um Juruna

para dizer as verdades que todos estão pensando.

Se até generais que não vacilaram em usar toda brutalidade para defender este regime hoje entram em atrito com o governo, não serão as forças democráticas e o povo que vão se sujeitar colaborando no reaquecimento à orientação antinacional e antioperária a pretexto de torná-la mais flexível. O que está em pauta para o povo não é reformar a fome e a miséria mas por fim a esta situação calamitosa.

Longe de aderir ao governo, a primeira providência é enterar este defunto. E mudar radicalmente os objetivos e os métodos da política econômica. Os decretos do arrocho só podem merecer a cabal rejeição de todas as forças democráticas e populares, assim como todos os acordos e ordens do FMI, que o general Figueiredo quer agora retocar.

O povo diz que o morcego chupa o sangue e abana para a vítima não sentir. Mas nem como abano o discurso do presidente serve.

Nesta hora de grande tensão, não faltarão os conciliadores que derramarão elogios à boa vontade do presidente. Isto já aconteceu outras vezes, quando Figueiredo prometeu apurar o crime do Rio-centro, até hoje sem resultado, quando prometeu buscar o consenso na escolha do seu sucessor e em outras manobras demagógicas. Mas isto é próprio da oposição burguesa, sempre disposta a aceitar as ofertas dos poderosos, por mais desmoralizadas que sejam.

Como sempre acontece, os conciliadores vão buscar explicação para sua atitude na direita mais furiosa, que age pelo outro lado, pregando medidas de emergência e outras, criadas pelo regime. Uns e outros no fundo servem à perpetuação da opressão sobre o povo e não têm nenhuma perspectiva para enfrentar a crise.

Ato público pela LEGALIDADE do PC do BRASIL



dia 28 de outubro,
19h 30 Assembleia
Legislativa de SP

Montoro inaugura água e luz na vila 1º de Outubro

Vitória após derrotas na terra. Pág. 4

Greve geral para
a Argentina pela
3ª vez este ano

A adesão foi total. Veja na pág. 2

Generais presos por falar em corrupção

Os presos, Leo Etchegoyen e Ari Fiuza, são conhecidos direitistas. Pág. 3



Índios Pataxó: armados, eles tentaram retomar as terras de seus avós; a polícia impediu

Fracassa tentativa de cassar cacique Juruna

O fiasco da tentativa de Figueiredo e o drama dos índios Pataxó, assunto do discurso que quase custa o mandato de Juruna, na página 4.



A iminência da III Guerra

À medida que se aproxima a data marcada para a instalação de centenas de mísseis nucleares Cruise e Pershing na Europa Ocidental, as superpotências imperialistas tornam mais real o perigo de uma nova guerra. E até mesmo a China de Deng Xiaoping agora entra firme na dança, como parceira declarada de Reagan.

O mundo hoje mais parece uma gigantesca bomba relógio, armada com mais de 50 mil ogivas nucleares que dão uma capacidade destrutiva de cerca de 4 toneladas de dinamite por habitante do globo. A instalação dos 572 mísseis nucleares na Alemanha Ocidental, Grã Bretanha, Itália, Bélgica e Holanda dará ao imperialismo norte-americano a capacidade de atingir o coração da União Soviética em menos de 5 minutos.

As superpotências aceleram seus preparativos para a guerra. O Instituto Internacional de Estudos Estratégicos de Londres anunciou que os gastos militares em 1982 chegaram ao recorde de 800 bilhões de dólares. Segundo o Instituto, os EUA aumentaram seus gastos militares em 12% nos últi-



Desfile militar na União Soviética

mos cinco anos, e a URSS aumentou 6%. Isto quando as economias de ambos os países vivem profunda recessão. Neste contexto, falar em "negociações de paz e desarmamento" parece até piada...

O belicismo ianque ocupa lugar de destaque. Aproveitando a comoção e tensão internacional provocada pela derrubada do boeing sul-coreano, o Congresso liberou verbas extras para o desenvolvimento dos mísseis nucleares MX, e

aprovou um orçamento militar trilionário para os próximos anos. As despesas oficiais dos EUA com armamentos chegarão agora a 10% do Produto Nacional Bruto do país (2 trilhões, 626 bilhões, 100 milhões de dólares em 1980).

O imperialismo norte-americano trata de desmontar os impecilhos ao seu curso guerreiro. Depois do vergonhoso incidente de negar o acesso do chanceler Gromyko à Assembléia Geral das Nações Unidas, o governo dos EUA cortou drasticamente as verbas para a manutenção da Organização em 500 milhões de dólares nos próximos quatro anos. A senadora Nancy Kassenbaum justificou, arrogante: "os contribuintes norte-americanos estão cansados de serem anfitriões de inimigos e críticos estrangeiros".

Um estudo da Força Aérea ianque, chamado Air Force 2000, aponta para a iminência de uma guerra atômica prolongada. Sugere que as superpotências evitem o conflito em seus territórios e concentrem-se numa "guerra nuclear em território neutro". E ressalta que os locais mais prováveis estão a cerca de 30 graus da linha do

Equador, numa referência implícita ao Oriente Médio, América Central e Sudeste Asiático. E é justamente aí que os EUA atacam as chamadas da guerra, com sua recente ameaça na Organização dos Estados Americanos de que "não tolerarão novos ataques da Nicarágua" contra qualquer país da América Central, e com sua crescente participação nos combates do Líbano. Por essa mesma razão Reagan visitará o Japão e a Coreia do Sul em novembro para tratar da instalação de novos mísseis nucleares.

SEM PRECEDENTES

Mas o recente conflito no Oriente Médio revela por outro lado que os dirigentes revisionistas da URSS também se alinham para o confronto. Os soviéticos alimentam agora uma postura ofensiva dos seus aliados sírios nos combates do Líbano, ao contrário do que fizeram quando esse país foi invadido por Israel em 1982. Pela primeira vez o presidente Yuri Andropov interveio pessoalmente na polêmica sobre a queda do boeing sul-coreano, na semana passada, acusando os EUA e dizendo-se preparado para a guerra. Uma declaração sem precedentes, pois Andropov buscava manter uma imagem de "moderado" e "flexível" nas negociações. Em seguida o governo organizou em todo o país manifestações que mobilizaram 70 milhões de pessoas, contra a instalação de mísseis Cruise e Pershing-2 na Europa Ocidental. Oficialmente eram manifestações "pela paz". Mas o recado era claro: se os mísseis forem instalados, a URSS ameaça com a guerra. O país gasta mais de 15% de seu PNB em armamentos.

NAMORO CHINÊS

E a China arqui-revisionista de Deng Xiaping, que buscava apresentar um perfil mais "independente" no confronto entre URSS e EUA, muda novamente de postura. Pequim chegou mesmo a ensaiar um namoro com Moscou, em especial depois da morte de Brejnev. Suas relações com Washington ficaram estremecidas pela reaproximação de Reagan com o governo de Formosa. Mas agora a Casa Branca se esforça por recompor sua aliança com a China e impor um cerco estratégico da URSS através do eixo Washington-Tóquio-Pequim. Reagan irá à China em abril. Antes porém o premier chinês, Zhao Ziyang, irá a Washington, em janeiro. A China comprará amplo material bélico e aparelhos tecnologicamente sofisticados para modernizar suas Forças Armadas. Este país é a terceira potência nuclear do mundo, com 350 artefatos, embora bem atrás dos EUA e da URSS, com 9.200 e 5 mil respectivamente, segundo dados de há dois anos. (Luís Fernandes).



Manobras da OTAN na Europa e o Exército chinês, que agora terá armas norte-americanas.

Os comunistas saúdam Enver Hoxha

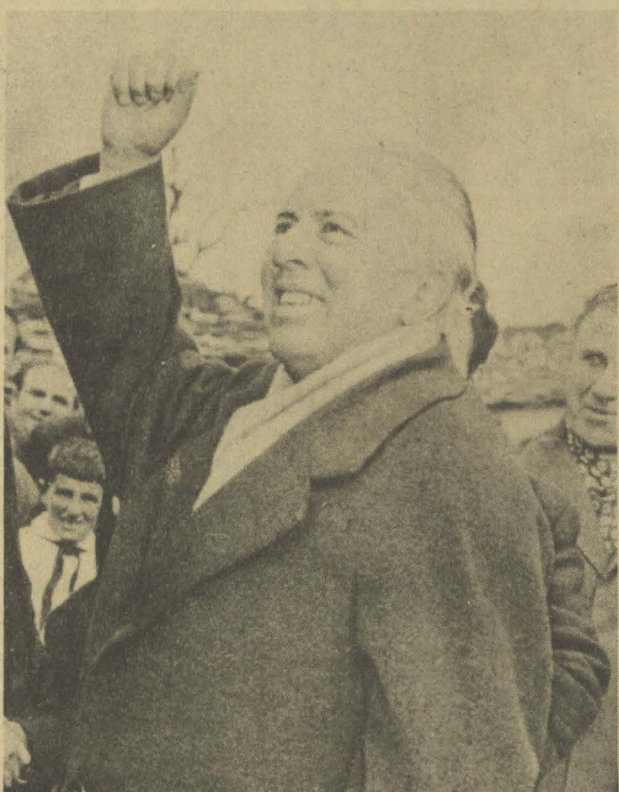
Por ocasião do 75º aniversário do dirigente do Partido do Trabalho da Albânia, Enver Hoxha, João Amazonas enviou uma saudação de felicitações em nome dos comunistas do Brasil. Eis a sua íntegra:

"Querido camarada Enver Hoxha

"No dia 16 de outubro completareis 75 anos de existência — uma vida inteiramente dedicada à libertação do povo albanês, à nobre causa do comunismo.

"Esta data é motivo de alegria para os marxistas-leninistas de todo o mundo, que vêm na figura do camarada Enver Hoxha a mais alta expressão, nos dias atuais, das idéias grandiosas do socialismo científico. Todos admiramos e compreendemos o imenso valor da obra que realizastes em prol da emancipação da classe operária e da afirmação da nação albanesa.

"Ingressastes nas lides políticas e revolucionárias em um momento crucial da história da Humanidade, quando os povos se levantavam heroicamente contra o barbarismo nazi-fascista e derramavam seu sangue generoso em defesa da liberdade, da revolução proletária, da União Soviética de Lênin e Stálin, por um novo mundo de paz e justiça social. E desde então con-



Enver Hoxha, fundador e dirigente do PTA

servastes firmemente em vossas mãos a bandeira invencível do marxismo-leninismo. Apoiado na teoria dos mestres eminentes do proletariado, abrindo caminhos novos, vencestes passo a passo os inimigos abertos e disfarçados do comunismo, desenvolvendo a doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin. Inestimável é a contribuição que destes no campo da teoria e da prática à construção do socialismo na Albânia. Sem dúvida são os povos que fazem a História. Mas o fazem estreitamente ligados a um partido de vanguarda e aos seus dirigentes fiéis à revolução, comprovados na luta. Precisamen-

te você, camarada Enver, e o seu partido, o PTA, colocaram-se à frente do povo albanês na façanha heroica da libertação nacional, na gesta gloriosa da construção do socialismo. Você, camarada Enver, é respeitado e querido pelos albaneses e pelos trabalhadores de todos os países por haver demonstrado na prática ser o melhor intérprete das profundas aspirações das massas populares, por ter sido inflexível nas batalhas de classe contra o odioso sistema capitalista, um defensor intransigente dos princípios que norteiam a marcha do proletariado para o seu objetivo final — a edificação da sociedade comunista. Quantos perigos, quantas ciladas surgiram no caminho do povo albanês nestas quatro décadas de luta revolucionária! Mas a Albânia triunfou, o socialismo venceu! O camarada Enver foi o inspirador, o organizador talentoso dessas magníficas vitórias. Vosso nome e vossa obra estão intimamente ligados às grandes conquistas do socialismo na Albânia. E unidos também, inseparavelmente, aos êxitos do proletariado mundial no combate ao revisionismo contemporâneo. Foi você, camarada Enver, o primeiro a verberar a conduta contra-revolucionária dos dirigentes chineses e a desmascarar o falso marxismo do pensamento Mao Tsetung. E foi ainda você, camarada Enver, um dos primeiros a revelar o caráter traidor do titismo iugoslavo que, a serviço da reação e do imperialismo, procurava confundir as fileiras do proletariado revolucionário.

"Por tudo isso, os verdadeiros comunistas de todos os Continentes cerram fileiras na defesa da Ali-

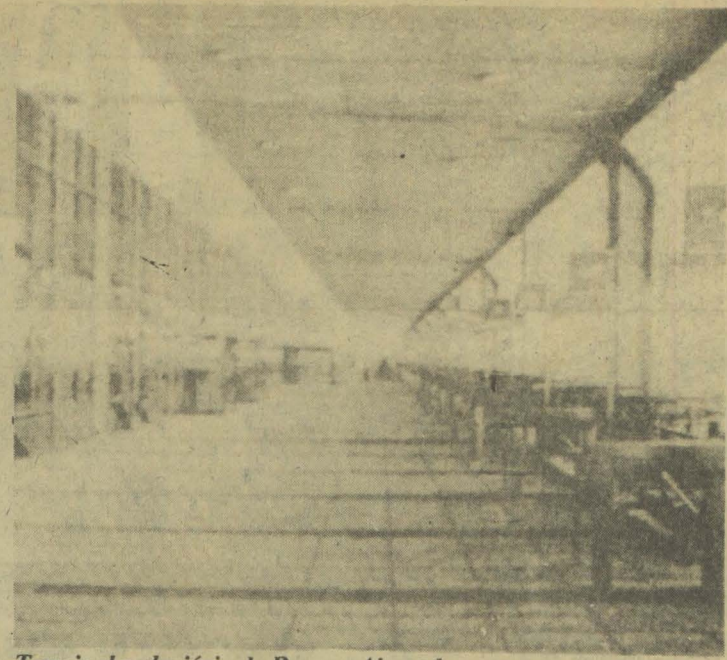
bância Socialista, unem-se compactamente ao Partido do Trabalho e ao seu grande chefe, o camarada Enver Hoxha.

"Querido camarada.

"Os comunistas brasileiros consideram você e o PTA seus melhores e sinceros amigos. Desde os primeiros momentos da nossa luta contra os revisionistas e pela reconstrução marxista-leninista do Partido Comunista do Brasil contamos com o apoio desinteressado e fraternal dos albaneses. Esse apoio foi e continua a ser um grande alento à luta pela emancipação nacional e social dos trabalhadores e do povo brasileiro. Forjou-se, assim, no decorrer destes vinte e um anos de reorganização partidária uma sólida e inderestrutível amizade que une o PC do Brasil e o Partido do Trabalho da Albânia. Você, camarada Enver, foi dos principais artífices dessa amizade e união, e amizade que muito prezamos e das quais nos orgulhamos.

"Na data do vosso 75º aniversário, camarada Enver, temos o pensamento voltado para o exemplo valioso da vossa atuação revolucionária. Ela nos ensina a ser fiéis à classe operária, ao marxismo-leninismo, ao internacionalismo proletário. Estimula-nos a avançar confiantes no sentido de tornar vitoriosa a causa redentora do comunismo.

"Receba camarada Enver nossas felicitações pela passagem do seu aniversário, juntamente com os votos que fazemos, de todo o coração, para que tenha uma longa vida, plena de alegrias e realizações, de trabalho fecundo pelo bem do povo albanês e dos trabalhadores de todo o mundo.



Terminal rodoviário de Buenos Aires, deserto.

Greve Geral pára 100% da Argentina

No dia 4 de outubro a Argentina parou. Pela terceira vez em menos de um ano os trabalhadores desencadeiam com sucesso uma greve geral. As duas grandes centrais sindicais do país — a CGT — Azopardo e a CGT-República Argentina — lideraram 10 milhões de grevistas, parando praticamente 100% da economia do país.

A nova jornada de luta dos trabalhadores argentinos se deu num momento de instabilidade política, a três semanas das eleições gerais.

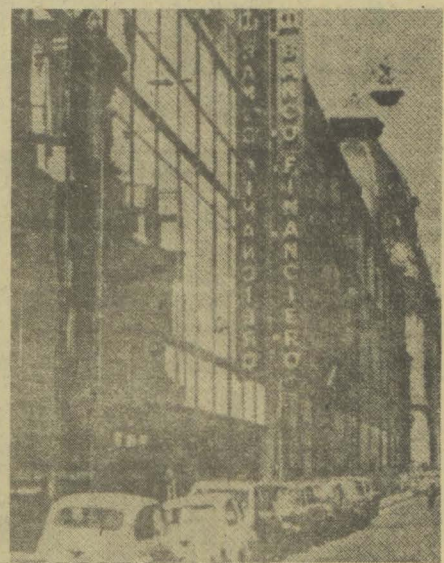
A reivindicação central é o aumento do salário mínimo de 1.600 pesos (98 mil cruzeiros) para 3 mil pesos (180 mil). O pano de fundo é o caos que se instalou na economia, com 350% de inflação e dívida externa de 40 bilhões de dólares.

A situação de virtual falência se agrava com o entreguismo. Os ministros portenhos têm aceitado vergonhosas imposições do capital financeiro internacional.

Para viabilizar a renegociação de parte de sua dívida, os ministros da área econômica acabam de modificar a lei de falências do país. Antes se uma empresa falisse os credores nacionais teriam que ser os primeiros a receber, só depois os estrangeiros. Pela nova lei o que acontece é o contrário. O regime militar de Buenos Aires enguliu um acordo onde os bens de qualquer empresa pública podem ser executados pelos credores internacionais para compensar o não pagamento de parte da dívida. Tal como no Brasil, a soberania argentina está sendo arrebatada.

DIVISÃO ENTRE OS MILITARES

Estas condições impostas para o refinanciamento da dívida externa agravaram



Todos os bancos fecharam

ainda mais a divisão entre as três Forças Armadas da junta militar. A Força Aérea não aceitou os termos do Acordo. Quando o Presidente do Banco Central, Júlio Gonzales del Solar, voltou de Washington na segunda-feira, ela acionou o Juiz Frederico Pinto Kramer, da longínqua Rio Gallegos, para emitir uma ordem de prisão imediata do "Pastore Argentino", e o governo não pôde fazer nada contra a prisão.

Voltam a circular os boatos de golpe, mas os militares estão isolados e desorientados, sem respaldo para uma aventura golpista. A desmoralização é tanta que os generais fascistas não conseguiram sequer formar um partido para concorrer às eleições presidenciais. Se limitaram a aprovar uma lei que aumenta a intervenção da polícia e das forças de segurança na vida política nacional. É neste clima que o povo argentino se prepara para as eleições de 25 de outubro.

Assine e apóie a Tribuna Operária

"Em termos nacionais a Tribuna Operária tem dado um noticiário que os jornais da chamada grande imprensa limita, não esclarece. O jornal informa e dá suas opiniões sobre a situação de miséria dos trabalhadores do campo e da cidade, dos absurdos que cometem o governo e os patrões e também das lutas do proletariado contra tudo isto. É um jornal dos trabalhadores. Aconselho os companheiros para que assinem a Tribuna Operária.

Antonio Massena, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado do Amazonas.

Desejo receber em casa a Tribuna Operária

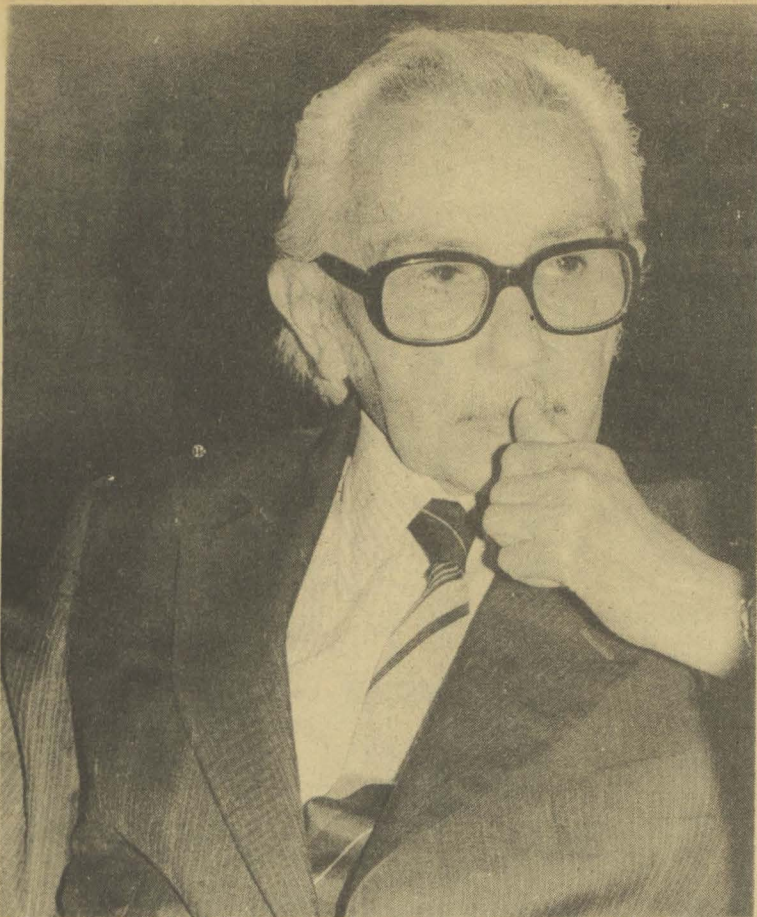
() Anual de apoio (52 edições)	Cr\$ 10.000,00
() Anual Comum (52 edições)	Cr\$ 5.000,00
() Semestral de apoio (26 edições)	Cr\$ 5.000,00
() Semestral comum (26 edições)	Cr\$ 2.500,00
() Exterior, anual	70 dólares

Envio cheque nominal à

Editora Anita Garibaldi

Ltda, Rua Adoniram Barbosa, 53 (antiga Travessa Brig. Luiz Antonio) - Bela Vista São Paulo, SP - CEP 01318

Nome:.....
Endereço:.....
Cidade:..... Estado:..... CEP:.....
Profissão:..... Data:.....



Amazonas: saída da crise só virá com o fim do regime militar

Amazonas fala no Congresso sobre a crise

Trinta e sete anos depois de ter participado dos trabalhos da Assembléia Constituinte de 1.946, o veterano dirigente do Partido Comunista do Brasil, João Amazonas, voltou ao Congresso Nacional. Na semana passada, Amazonas esteve durante três dias em Brasília, apresentando as propostas dos comunistas para a saída da crise que vive o Brasil.

Durante sua passagem pelo Congresso, Amazonas conversou com o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães; com o líder do PMDB, Freitas Nobre; com o secretário-geral Francisco Pinto; e com os líderes Bocaiuva Cunha, do PDT; Eduardo Suplicy, do PT; Gastone Righi, do PTB; e com um grupo de aproximadamente 20 deputados. Nesses encontros, o dirigente comunista defendeu a necessidade de um amplo movimento de massas em defesa da democracia e contra o regime militar. Deixou claro que, do ponto de vista dos comunistas, a única saída verdadeiramente definitiva para a crise atual só virá com a derrubada do governo militar. Amazonas defendeu, também, junto a esses líderes, a necessidade de um amplo movimento de massas em defesa da democracia e contra o regime militar. Deixou claro que, do ponto de vista dos comunistas, a única saída verdadeiramente definitiva para a crise atual só virá com a derrubada do governo militar. Amazonas defendeu, também, junto a esses líderes, a necessidade de um amplo movimento de massas em defesa da democracia e contra o regime militar. Deixou claro que, do ponto de vista dos comunistas, a única saída verdadeiramente definitiva para a crise atual só virá com a derrubada do governo militar.

Pode sentir-se uma ampla receptividade dos líderes políticos às propostas apresentadas por Amazonas, bem

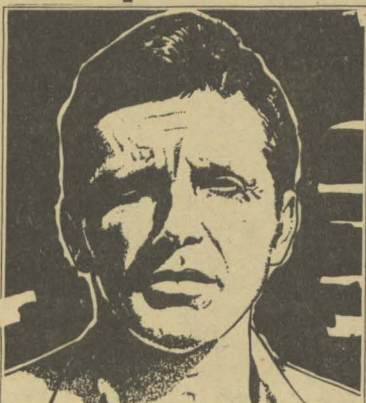
como à campanha em defesa da legalidade do PC do Brasil, apoiada por todos os partidos de oposição. O vice-líder do PMDB, de plantão em plenário, Lélcio de Souza (RS), registrou a presença do dirigente comunista no Congresso Nacional. Lembrando que Amazonas é uma veterano dirigente do PC do Brasil, fundado em março de 1922 e reorganizado em 1962, o deputado gaúcho qualificou-o de "eminente brasileiro, patriota e idealista". Em nome da liderança do PMDB, afirmou: "Ao registrar a presença do veterano dirigente, o PMDB faz a reafirmação das suas posições em prol da ampla democratização do processo de organização político-partidária da sociedade brasileira". Também o líder do PDT, deputado Bocaiuva Cunha, registrou sua presença no Congresso.

Depois das visitas, o líder comunista deu entrevista coletiva no Comitê de Imprensa da Câmara. Nela voltou a explicar a oposição do seu partido diante da crise e detalhou como o PC do Brasil pretende desenvolver a luta pela sua legalidade: "A conquista da legalidade de nosso partido será uma vitória da democracia no Brasil. Nós não pretendemos nos ajoelhar diante dos poderosos para pedir a legalização, como fazem algumas organizações. Nosso objetivo é organizar um amplo movimento popular que leve a uma legalização tácita de nosso partido. O ato formal de legalização só virá com a vitória da democracia". (da sucursal).

Mazzarollo condenado a mais 3 anos de prisão

Na quarta-feira, dia 27, aguardava-se com ansiedade a libertação do jornalista Juvêncio Mazzarollo, condenado pela Lei de Segurança Nacional e que já cumpriu um ano de prisão por ter denunciado corrupções e apontado a necessidade do fim do regime militar num editorial do jornal paranaense *Nosso Tempo*. A Auditoria Militar de Curitiba chegou a expedir o alvará de soltura. Só que logo depois chegou a confirmação de que o Supremo Tribunal Militar aumentara a segunda condenação de Mazzarollo para mais três anos.

Essa atitude do STM gerou mais revolta pelo fato deste julgamento aumentando a pena total para quatro anos de prisão ter sido feito na clandestinidade, em sessão para a qual nem o réu e nenhum dos três advogados de defesa receberam qualquer comunicação. O embargo julgado pelo STM pedia a desclassificação de Mazzarollo na segunda condenação, acusado de "ofensas a autoridades militares". Mas o STM, ao contrário, o reclas-



Mazzarollo: outra condenação

sificou agora no artigo 36 da Lei de Segurança Nacional por "incitar a guerra ou a subversão", com base no qual foi ampliada a sua pena.

Os advogados de Juvêncio Mazzarollo, Vagner Dongelis, Renê Deotti e Heleno Fragozo já entraram com um pedido de recurso ordinário ao Supremo Tribunal Federal para a anulação dessa sentença arbitrária. E várias manifestações de solidariedade já foram feitas ao preso político, inclusive da parte do governador do Paraná, José Richa, que repudiou a nova condenação de Mazzarollo. (da sucursal).

Figueiredo muda a roupa do decreto do arrocho salarial

"Determinei o reexame das medidas adotadas em julho passado" — afirmou Figueiredo quarta-feira à noite, em cadeia nacional de rádio e televisão. As "medidas" são as do decreto 2.045, mas os trabalhadores não se alegraram: logo a seguir o general disse que os "objetivos da política adotada (ou seja, o arrocho dos salários) têm de permanecer.

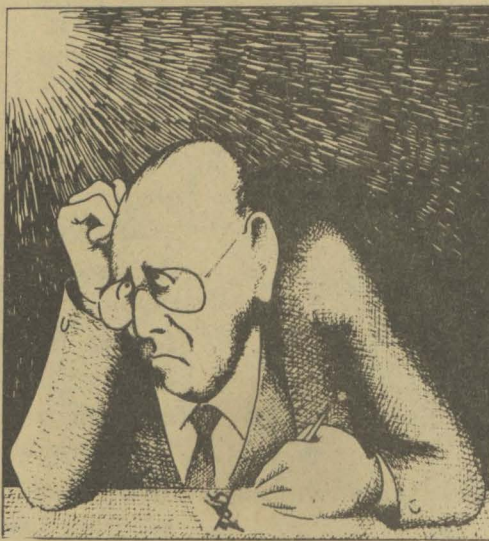
A súbita disposição de Figueiredo para o "diálogo" sobre o 2.045, além de falsa e demagógica tem motivos inconfessáveis mas evidentes. O decreto da fome, que corta em 20% os reajustes salariais em todas as faixas, já estava condenado à morte desde a derrubada de seu irmão mais velho, o 2.024, no Congresso Nacional. Deputados e senadores, tanto das oposições como de uma ala considerável do PDS, não faziam nenhum segredo disso.

No âmbito do Poder Judiciário, o Tribunal Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul já havia lavrado várias sentenças desconsiderando solenemente a existência do famigerado decreto. Mais recentemente, com a greve dos canavieiros de Pernambuco, o 2.045 recebeu outro golpe: a Justiça do Trabalho fixou um reajuste de 100% do INPC.

Mais ainda: deputados do próprio partido governista já haviam organizado uma certa "Comissão dos 11" visando propor "alternativas" para o decreto — considerado irremediavelmente fadado à lata de lixo. Isto para não falar da indignada pressão dos trabalhadores e seus sindicatos.

UMA SOLUÇÃO DELFINIANA

Diante disso, o general Figueiredo recorreu, quarta-feira, à tática já levantada por seu ministro



do Planejamento e amigo do peito, Antonio Delfim Netto. Com seu tradicional cinismo, Delfim já adiantara que o 2.045 pode ser substituído por outras medidas, "desde que o efeito seja o mesmo", o que poderia ser feito por meio de um novo decreto-lei.

A hipocrisia da proposta fica patente para qualquer observador sério. Figueiredo fala em "distribuição mais equânime dos inevitáveis sacrifícios que a política de combate à inflação acarreta". Vejamos, então, um exemplo ainda fresco dessa "equanimidade": no mesmo dia em que o Conselho de Segurança Nacional anunciou com toda pompa o arrocho dos salários via decreto 2.045, tornou público também medidas de contenção dos juros, que teoricamente afetariam os banqueiros. Porém logo em seguida as medidas para baixar os juros foram engavetadas, enquanto o achatamento salarial entrava em pleno vigor...

AS ORDENS DOS GRINGOS

Ao propor o "diálogo" em torno das medidas de julho, a administração Figueiredo busca levar à prática as ordens do Fundo Monetário Internacional. Todos se recordam das recentes e afrontosas

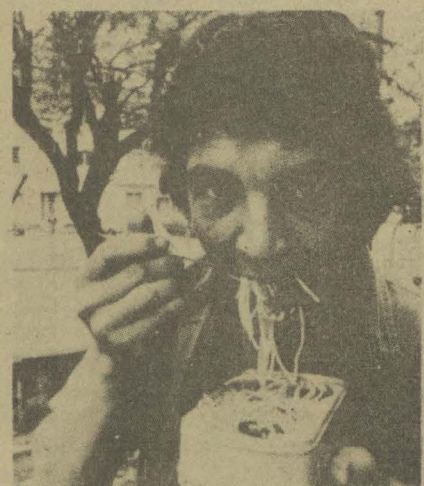
Dieese demonstra que o salário é de fome mesmo

"O salário mínimo não dá nem para comer". Esta a conclusão a que chegou o Dieese (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos), baseado num levantamento de preços que evidencia que o atual salário mínimo, de Cr\$ 34.776,00, já não é suficiente para comprar os 13 produtos considerados como ração mínima essencial para um trabalhador adulto sobreviver. Segundo o estudo, "em setembro de 1983, pela primeira vez na história, o custo total da ração essencial mínima superou o valor do salário mínimo. Enquanto o salário mí-

nimo permanece em Cr\$ 34.776,00 o custo da ração já atinge Cr\$ 35.349,45", afirma o Dieese.

O levantamento também comprova que, como o preço dos alimentos básicos está acima do salário de mais de 20 milhões de trabalhadores, "uma jornada de 240 horas mensais já não é suficiente para cobrir os seus custos. Um trabalhador de salário mínimo, para comprar seus alimentos básicos, em setembro de 1983 precisa trabalhar 243 horas e 58 minutos. Em setembro do ano passado precisava trabalhar 147 horas e 29 minutos; e no mesmo mês de 1959 bastavam 67 horas e 7 minutos".

Segundo cálculos do órgão que presta serviços aos Sindicatos, o salário mínimo previsto na Constituição, que considera não apenas o trabalhador mas também a sua família, deveria ser de Cr\$ 220.477,23. O Dieese afirma que, somente para os gastos com alimentação, uma família de quatro pessoas (casal e duas crianças) precisava em setembro de Cr\$ 106.049,55 e lembra que alimentação representa 48,1% das despesas domésticas de uma família cujo trabalhador ganhe menos de três salários mínimos.



Cr\$ 34 mil não dá para a comida

pressões vindas do presidente do FMI, Jacques de Larosière, do secretário do Tesouro americano, Donald Regan, e outros porta-vozes do capital financeiro mundial: ou o Brasil obedece ao Fundo, ou "desaparece pelo ralo".

E quais são as ordens do Fundo? Basicamente elas consistem em pagar a dívida externa aos usurários imperialistas, custe o que cus-

tar. O decreto 2.045 seria uma maneira de arrancar dos trabalhadores brasileiros esse dinheiro. Naturalmente há outras, sempre com o mesmo cerne político — de arrancar dos de baixo para pagar a dívida. É uma dessas formas derivadas que Figueiredo tentará "negociar" nos próximos dias, contra a vontade expressa da maioria dos brasileiros.

Generais presos por falar da corrupção de Delfim

Confusa, a população lê nos jornais: General Leo Etchegoyen preso seis dias. E depois: General Fiuza preso por dois dias. Dois expoentes do regime militar e direitistas raivosos, na cadeia. E, quem mandou prendê-los? O próprio regime militar que continua, embora cambaleante, mandando e desmandando no país. Afinal, o que está acontecendo?

Trata-se de uma "briga de brancos". O mar de lama da corrupção e entreguismo está agitado, e as prisões desses militares são reflexo desse "maremoto". Os fatos:

Está instalada uma Comissão Parlamentar de Inquérito da Dívida Externa, presidida pelo deputado Alencar Furtado (PMDB-PR). E, em se falando de dívida externa brasileira, a corrupção não poderia estar ausente. Não demorou muito para que um documento escrito em 1976, conhecido como Relatório Saraiva, fosse aventado

na dita CPI. O autor, coronel Raimundo Saraiva Mateus, ao depor no Congresso confirmou sua existência. Em 1976 Saraiva era adido militar do Brasil na França: "Eu me sentia envergonhado pelo fato de a Embaixada do Brasil (em Paris) ser conhecida como 'embaixada 10%' (uma alusão às comissões que pessoas lotadas na embaixada cobravam para fazer negócios entre empresas estrangeiras e o nosso país). Se cada adido militar divulgasse o que soubesse, o País estaria incendiado".

Saraiva não deu, contudo, o teor dos documentos em que denunciava a corrupção na embaixada. O general Adyr Fiuza de Castro, que na época era chefe do Centro de Informações do Exército, leu o relatório: "Tomei conhecimento de um telex que continha acusações ao embaixador Delfim Netto e a seus auxiliares pelo recebimento de propinas através de negócios feitos com banqueiros franceses". Por ter feito essas afirmações à im-



Etchegoyen e Fiuza: generais direitistas presos

prensa, o general Fiuza ficou preso os dias 28, 29 e manhã de 30 de setembro.

Outro militar que depôs na CPI, coronel Dickson Graef, afirmou que, segundo o relatório, o então embaixador Delfim era beneficiário de comissão em dólares, depositada em "conta azul numerada". E esclareceu que cópias do relatório existiam no Serviço Nacional de Informações (cujo chefe, à época, era o general Figueiredo, atual chefe do governo militar), no Itamaraty e no próprio Estado Maior do Exército.

"FALTA DE COMPOSTURA"

No dia 28 de setembro, numa palestra para 200 oficiais em Brasília, o general Newton Cruz afirmou que "as CPIs do Congresso só querem escândalos que provoquem a desestabilização do governo" (um irmão do general está sendo acusado no processo que apura a falência fraudulenta da Capemi, assunto de outra CPI), e criticou os militares que estavam deposto, considerando-os "frustrados" e "ineptes". O capitão Sérgio Etchegoyen imediatamente protestou: "Da licença, o senhor está fazendo considerações grosseiras e agredindo a honra do país" (general Leo Etchegoyen, que também vai depor na CPI). O general Cruz respondeu, por ócio



dias o capitão, e depois acrescentou mais 15 dias à punição.

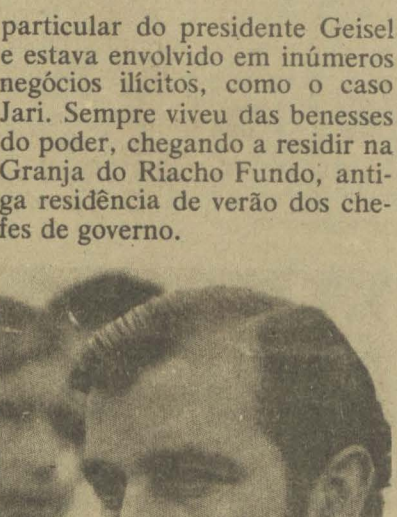
No dia 1º de outubro, o general Etchegoyen declarou à imprensa: "Eu vejo este episódio como fruto da falta de postura e de composição de quem dirigiu uma reunião em que havia cerca de 200 oficiais". Dia 4 o general foi preso, por seis dias, devido às suas declarações. O general Médici solidarizou-se com Etchegoyen, e o general Geisel retirou-se de uma cerimônia governamental em Porto Alegre (onde foi preso o general Etchegoyen) no momento em que era efetuada a prisão.

O governo Figueiredo, por sua vez, proibiu a divulgação do relatório Saraiva e vetou, inclusive, sua entrega à CPI da Dívida Externa. Os generais Fiuza, Sebastião de Castro e Sílvio Frota devem também depor na CPI, e novidades podem aparecer. Um deputado-militar alarmou-se: "Estão partindo para colocar no banco dos réus elementos vitoriosos em 1964". Precipita-se o deputado-militar. Por enquanto a briga é entre os diferentes grupos militares, no momento em que se discute a sucessão de Figueiredo. O banco dos réus ainda está vazio. Mas a nação ansia vê-lo ocupado pelos que venderam a pátria por 30 dinheiros e se enriqueceram amoldando o país por já quase 20 anos.

Figueiredo demite mais um

As brigas intestinas na "Gang do Planalto" e a encarniçada disputa sucessória acabaram ceifando mais uma cabeça e mostrando o grau de isolamento e esfacelamento do governo militar. Na quarta-feira o general Figueiredo exonerou do cargo o seu secretário particular Heitor de Aquino. O atrito entre os dois é antigo. Desde a queda do general Golberri, Aquino vem desenvolvendo uma intensa campanha para destronar o ministro da Casa Civil, Leão de Abreu, apelidado por ele de "dinossauro", o que irritou Figueiredo. Além disto o ex-secretário está metido na campanha presidencial de Maluf, hostilizada pelo presidente.

Com Aquino cai um dos símbolos do golpe militar de 1964. Um dos fundadores do SNI, ele sempre viveu à sombra do poder, sendo conhecido como "Sombrinha". Foi secretário



Aquino: "Sombra" da Gang



Provocação contra Juruna não deu certo



Juruna foi ao Congresso acompanhado de xavantes, para defender seu direito de falar.

Terminou como farsa a provocação montada pelo governo contra o Congresso Nacional, utilizando-se de um discurso do deputado-cacique Mário Juruna. Depois de grande tensão e ameaças trovejantes, o caso foi resolvido — pelo menos por ora — com um acerto em que a mesa da Câmara Federal fez uma censura por escrito a Juruna e os militares, mais desmoralizados, se dizem satisfeitos.

Um governo que respeite o povo

A provocação contra o Congresso, no caso Juruna, serviu para mostrar que continua intacto o conteúdo prepotente e arbitrário do regime militar. Arrogantes, os generais que manobram o Executivo continuam pensando que a qualquer hora podem dar um berro e numa interferência direta no poder Legislativo, exigir por exemplo a cassação de um parlamentar.

Mas serviu também para mostrar a vertiginosa deterioração do governo e do próprio regime. Mesmo entre os militares, logo se levantou o general Andrada

Serpa para dizer que se tentarem insistir na ditadura, os governantes provocarão uma guerra civil.

Defender o Congresso nestas horas significa avançar na luta democrática e cortar as garras dos golpistas. Mas isto exige ao mesmo tempo ir mais longe e apontar para a necessidade de um novo governo, que respeite as conquistas democráticas e não se outorgue o direito de investir contra representantes eleitos, que não só podem mas devem denunciar os crimes cometidos seja lá por quem for, contra o povo e a nação.

Na verdade o episódio tem um alcance muito maior do que a alegada "ofensa" às autoridades constituídas. O caso é que o governo atual já não é aceito por quase ninguém, está desmoralizado e isolado. Os escândalos de corrupção estouraram a cada dia. Neste clima, o discurso de Juruna, ao gritar a palavra ladrão, repercutiu nas fileiras governistas como se fosse uma raposa no galinheiro. Foi uma grita geral onde cada um mais alarmado que o outro sentiu a necessidade de calar este tipo de denúncia, que representa um risco enorme para quem tem "negócios" tão volumosos.

Mas não é só isto. Os estrategistas do Planalto estão acuados. O movimento de massas a cada dia toma maior vulto, apesar de ainda pouco organizado, o que força posições mais corajosas no Congresso Nacional como foi a derrota do decreto 2.024 e a promessa de repetir a dose com o 2.045. As hostes governistas estão implodindo, envolvidas em atritos cada vez mais agudos e na disputa feroz pela sucessão presidencial. A direita conspira abertamente e não descarta a possibilidade de afastar o próprio Figueiredo ou mantê-lo apenas formalmente governando ainda menos do que faz hoje, que já é quase nada. Por isto, o governo viu no discurso de Juruna a oportunidade para fazer uma provocação.

O objetivo era acelerar um confronto artificial, ameaçar com o golpe e impor aos deputados uma posição de submissão às ordens do Planalto. Mas o bote não deu certo. Já não basta bater com as botas no chão para todo mundo se amedrontar — embora sempre apareçam uns covardes. O Executivo está desmoralizado e o Legislativo, embora ainda seja marcado pelos anos de quase total impotência, já não repete tudo que lhe exigem. Até o PDS ousa desafiar seus patrões.

E o povo imediatamente manifestou sua solidariedade a Juruna. No Rio, os cinco mil participantes do ato contra o 2.045 gritaram com força: "Juruna tem razão, Delfim Netto é ladrão!"

O próprio Juruna afirmou: "Que defeito tem Juruna? Já matou, roubou ou foi quem fez a dívida externa? Eu diz a verdade. Quem rouba terra de índio? É branco. Quem sobe custo de vida? É branco. Quem rouba madeira? É branco."

Os arrogantes defensores da honra viram que não tinham condições de ir muito longe. Sentiram que a mesa pode virar ao contrário do que desejam. Não desistiram de seus projetos. Mas saíram chamuscados da aventura. De qualquer forma o episódio jogou mais lenha na fogueira da crise política. E mostrou a urgência do povo se organizar e falar mais alto.



Montoro inaugura luz na Vila 1º de Outubro

Uma salva de palmas saudou o governador Montoro quando ele inaugurou a rede de água e a luz elétrica na Vila 1º de Outubro, em São Paulo. A vila estava toda enfeitada para comemorar o segundo aniversário da ocupação do terreno. Também estiveram presentes o vice-governador Orestes Quêrcia, o prefeito Mário Covas, deputados, lideranças e o representante do PC do B.

No dia 1º de Outubro se comemorou com muita alegria o segundo aniversário da ocupação do terreno onde hoje moram 4500 pessoas, em 878 casas. O governador Franco Montoro, antes de inaugurar a luz elétrica e a rede de água, afirmou que "estas conquistas, acima de tudo, são fruto da união de todos vocês".

As pessoas simples da Vila 1º de Outubro fizeram questão de comemorar com uma grande festa aquela data. Várias faixas saudavam o governador e uma do PC do B saudava os mora-

dores da vila. Até uma banda de música da PM foi tocar, na praça poeirenta. Por volta das 11 horas da manhã cerca de 700 pessoas se aglomeravam em volta do palanque onde estavam as autoridades.

Elgito Boaventura, presidente da União dos Moradores da Vila 1º de Outubro e um dos líderes da ocupação das terras, foi um dos mais aplaudidos. "Para nós — disse — é motivo de satisfação a conquista da moradia, agora com água e luz". Ao lado do governador, disse que "esta luta ainda não ter-

minou, mas estamos provando que o povo organizado sempre conquista alguma coisa". Também falou o representante da Comissão Nacional pela Legalização do PC do Brasil, Ronald Freitas. "É com extrema alegria que voltamos a estar aqui com vocês — afirmou Freitas — porque sempre estivemos na sua luta no dia a dia". O deputado Aurélio Peres, que acompanhou de perto aquela luta, dando o seu apoio desde o primeiro dia da ocupação, ressaltou que "esta vila tem o cheiro do povo. Cada bloco tem o sangue e o suor de cada um de vocês".

EXPERIÊNCIA HISTÓRICA

Pedro Gomes da Silva, pedreiro, deixou seu trabalho para ver a inauguração da água e luz. Com seu capacete vermelho na cabeça e as mãos ainda sujas de massa, Pedro conta que no 1º de Outubro conseguiu o seu sonho: "é a primeira vez que eu tenho uma casa própria feita pelas minhas próprias mãos".

Eram 13 horas, quando o prefeito Mário Covas partiu o bolo — com uma casinha em cima — do 2º aniversário da Vila. O vereador do PMDB, Valter Feldmann, ressaltou que "o 1º de Outubro é uma experiência histórica de resistência e de coragem". Dona Dirce, uma das lideranças da Favela da Ponte Rasa, foi levar seu apoio e disse: "Esta luta não termina aqui, porque enquanto houver gente sem emprego, sem moradia, com fome, ela vai continuar".

Dois anos de luta

No dia 1º de outubro de 1981 cerca de 300 famílias ocuparam um terreno vazio no Jardim Robru, Zona Leste de São Paulo. As famílias ficaram apenas seis dias no local, quando foram expulsas por mais de 800 policiais. Dali os moradores sem teto se dirigiram para um terreno próximo, onde hoje se encontra a Vila 1º de Outubro, dispostos a não mais sair do local. E foi com muita luta e persistência que conquistaram o direito a ter um lugar onde morar.

Elgito Boaventura esteve junto com aquelas famílias — a maioria de de-

sempregados — desde os primeiros momentos. Por isto foi preso e levado para o DOPS. Ele conta que a PM cercou novamente o local, mas ninguém saiu. Foram proibidos até de fazer ligações telefônicas nos orelhões. Em pouco tempo começaram a ser levantadas as primeiras casinhas, feitas em mutirão. Os próprios moradores fizeram o traçado das ruas e toda semana havia reunião para discutir os seus problemas. Uma das primeiras medidas foi criar a União dos Moradores e graças a essa organização até hoje estão ali.

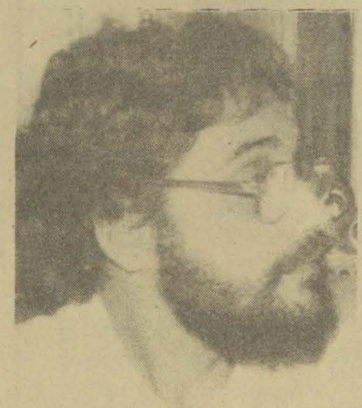
Lei da bala: pistoleiros matam seis na região cacauaieira da Bahia

Nos municípios de Una e Canaveiros, na região cacauaieira ao Sul da Bahia, foi instalada a lei da bala. Só neste ano seus possesores foram assassinados pelos grileiros. Crianças são presas, velhos são espancados diante das mulheres e filhos. Os conflitos desde 1.977 já resultaram na morte de 25 possesores por pistoleiros a soldo dos grandes fazendeiros.

Uma comitiva formada pelo deputado estadual Luís Nova, pela representante do Comitê de Anistia e Direitos Humanos, Diva Santana, pelo diretor da Unidade Sindical Sul da Bahia, Davidson Magalhães, e pela representante do diretório municipal do PMDB em Itabuna, Fátima Freire, constatou nos dias 1 e 2 deste mês a violência reinante na área.

O posseio Pedro Oliveira, de 60 anos, contou que o pistoleiro "Zé Isqueiro" tocou fogo em sua casa, arrancou sua plantação de mandioca e ainda perseguiu o seu filho. "Zé Isqueiro" — José Francisco do Nascimento — é gerente das fazendas do grileiro Abdala Habib, chefe dos pistoleiros em Canaveiros. Outros trabalhadores relataram que do ano passado para cá seis menores foram presos pela polícia e 18 possesores tiveram suas posses destruídas, sendo também presos.

Em Una são 20 áreas



Luís Nova visitou a região

de conflitos. Um dos grileiros, Sônia Aristeu Dias, é chefe do Cartório de Registro de Imóveis. E até o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, um pelego, foi comprado pelos grileiros. A última vítima da grilagem nesta cidade foi Cassiano Valdomiro Lopes que resistiu e tombou varado pelas balas dos jagunços. Há pouco tempo atrás os grileiros se reuniram e marcaram para o dia 7 de setembro a assassinato de Carlos Alberto Evangelista

Pataxós prometem lutar "até o último homem"

Pouco divulgado, o conflito entre os índios Pataxó Hã-Hã-Hãs e os grileiros que tomaram suas terras, no sul da Bahia, esteve na origem da ameaça de cassação do deputado-cacique Mário Juruna. Foi num discurso denunciando a expulsão dos índios que Juruna fez as afirmações que os generais do governo Figueiredo não queriam engolir.

Em 1926 os índios receberam por lei uma área de 50 léguas quadradas — 218 mil hectares — nas terras de seus ancestrais. Porém em 1936 uma primeira invasão de fazendeiros reduziu esta área para 36 mil hectares. Na época os indígenas se rebelaram e houve até uma operação militar, comandada por um coronel, contra "a célula comunista do posto indígena Catarina Paraguaçu", conforme anunciou o governo. O rio Colônia, que corta a reserva, "ficou vermelho, jorrou muito sangue", segundo o relato dos índios sobreviventes do episódio — que inspirou uma passagem do romance "Subterrâneos da Liberdade", de Jorge Amado.

Porém os ataques não ficaram nisso. Em 1976 o então governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, entregou títulos aos fazendeiros que tinham arrendado terras da reserva. Os indígenas ficaram confinados numa área da Fazenda São Lucas, com apenas 1.200 hectares. Revoltados, eles prometem lutar "até o último homem" —

como afirmam os caciques Nelson Saracura e Nailton Muniz, líderes dos dois grupos Pataxó.

CASAS INCENDIADAS

O grupo do cacique Nailton invadiu há duas semanas as fazendas Providência e Bom Jardim, no distrito de Jacareci, mas terminou removido de volta para a Fazenda São Lucas, por um forte aparato repressivo formado pela PM e a Polícia Federal. Foram estes os fatos denunciados por Mário Juruna no discurso que quase lhe custou o mandato.

No mesmo dia em que Juruna discursava em Brasília, a tensão aumentou na área da reserva. O fazendeiro Salvador Gomes Nerys, um dos donos da fazenda Providência, incendiou a casa da índia Elita Ferreira dos Santos, filha de outro chefe indígena, Samado Santos. Por sorte Elita, seu marido Vitorio e seus seis filhos estavam numa casa vizinha.

A situação se agrava devido as divergências que eclodiram entre os indígenas. Segundo a seção baiana da ANAI - Associação Nacional de Apoio ao Índio — elas são provocadas pela própria Funai, acusada de "interferir na organização do grupo, dividindo-o internamente e fomentando uma disputa de poder desonesta, na medida em que compra lideranças através de benefícios e concessões".

O veneno da divisão, instilado pelo órgão do governo, já levou até ao assassinato do cacique Edísio. O cacique Higino Muniz e seu irmão Sebastião Muniz estão presos há três meses, acusados do crime. Além disso, os índios divergem quanto à área de terra que devem retomar: um grupo, liderado por Nailton Muniz, exige a devolução dos 36 mil hectares da antiga reserva; o outro, sob a chefia de Nelson Saracura, defende o acordo proposto pela Funai, que prevê 6.500 hectares.

Mesmo Saracura, porém, está disposto a brigar e afirmou segunda-feira passada que não aguardará o julgamento do processo movido pela Funai: "Não dá mais para esperar, vamos invadir" — disse. O cacique concorda, também, que a Funai "está tentando jogar índio contra índio" e que a luta pela liderança dos Pataxó tem que ser resolvida entre os próprios índios. (Pedro Augusto Pereira, da sucursal).



O cacique Nailton: expulso pela PM e a Polícia Federal

Terceira greve dos professores de Goiânia

Os professores da rede municipal de ensino de Goiânia, reunidos em assembléia no último dia 3, resolveram continuar a greve que iniciaram em 16 de setembro. Reivindicam pagamento dos vencimentos relativos ao mês de fevereiro e equiparação salarial com os professores do Estado. Esta já é a terceira greve dos professores goianos este ano. Nesta luta eles já conquistaram a aprovação do Estatuto do Magistério, que garantirá melhores condições de ensino e trabalho para a categoria.

A ameaça do prefeito Nion Albernaz de substituir os grevistas foi repudiada por todos os professores. E até a Secretária Municipal de Educação, Dalísia Doles, chegou a afirmar que se esta ameaça se concretizasse, ela estaria demissionária, junto com os punidos.

Daniel Santos, presidente da União Municipal dos Estudantes Secundaristas, opinou que "a greve dos professores é justa. Esta luta não é só dos professores mas também dos estudantes que querem melhor qualidade de ensino". (da sucursal).

Oposição para derrubar pelego em Santa Luzia

Dia 13 de novembro será eleita a nova diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Luzia, no Maranhão. A chapa 2, encabeçada por José Pedro e tendo como secretário Osvaldo da Conceição e como tesoureiro Raimundo Alves (Nonatinho), apresenta-se para acabar com a traição até hoje praticada pela velha diretoria. É composta por trabalhadores com sólida tradição de luta e por delegados sindicais que se destacaram por trabalho firme e honesto nos povoados.

O programa da chapa 2 indica a luta em defesa da terra, a ampliação da assistência médica, o direito à aposentadoria, assim como à assistência jurídica para os homens do campo, a organização e fortalecimento do Sindicato, a participação das mulheres na entidade, a luta pela liberdade sindical e pela liberdade e pela democracia para o povo.

Rica experiência dos moradores de Nova Iguaçu

Em 1982, trabalhadores sem ter onde morar invadiram uma área de terra do Estado em Nova Iguaçu. Receberam muitas ameaças e foram reprimidos pela polícia, mas continuaram na terra. Formaram uma associação, com o nome de Mutirão Nova Aurora, que conta hoje com seis mil famílias inscritas. Mas até hoje apenas 500 tiveram dinheiro para construir suas casas. Esta organização passou a coordenar as lutas por financiamentos para as casas e por melhorias, como saneamento e iluminação.

O Mutirão já promoveu vários atos públicos, como acampamento na prefeitura, e uma manifestação de mais de duas mil pessoas. Agora marcou uma grande assembléia para o dia 9 e promete fazer uma passeata até a Assembléia Legislativa se até esta data as reivindicações não forem atendidas. Esta luta do Mutirão Nova Aurora tem servido como experiência para outros movimentos desse gênero em Nova Iguaçu. (da sucursal).

Viração ganha eleição no DCE da UC da Bahia

Por 1268 votos de diferença, a chapa Viração venceu as eleições para o DCE da Universidade Católica de Salvador. Composta por pessoas representativas, ela foi apoiada pela diretoria anterior, que levou os universitários a importantes vitórias, como a linha de ônibus para o Campus, escritório modelo para a faculdade de Direito, ginásio de esportes. A chapa Viração se destacou na luta que os estudantes travaram contra o aumento absurdo de 25% nas mensalidades e contra a intervenção do MEC. Diversas manifestações foram realizadas, inclusive com a ocupação da reitoria. Viração defendeu a unidade dos estudantes e o acatamento das decisões das assembleias. Ao contrário, a chapa oposição desconheceu a deliberação destas assembleias e dividiu o movimento de boicote ao aumento das mensalidades, enfraquecendo o poder de pressão dos estudantes. (da sucursal).

Errata

Na edição passada, noticiamos equivocadamente que os canavieiros de Pernambuco tinham sido derrotados na questão da manutenção da tabela de produção. Na verdade os grevistas foram vitoriosos nesta exigência e foi uma das vitórias mais importantes da luta.

Depois do êxito do movimento grevista, os patrões estão se negando a pagar o reajuste de 100% do INPC, que foi conquistado pelos trabalhadores. A Fetape está convocando uma assembléia dos canavieiros para discutir esta atitude dos usineiros.

Vitória total da Categoria Unida na APPD

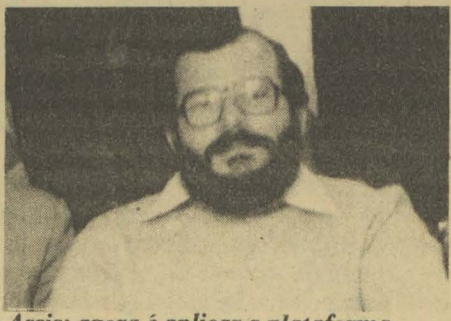
A Associação dos Profissionais de Processamento de Dados de São Paulo — APPD — conta a partir deste mês com uma nova diretoria. Revelados os resultados da eleição, no último dia 30, a chapa "Categoria Unida", encabeçada por Assis Aderaldo, alcançou uma fulminante vitória, com 73% dos votos, contra 13% e 11% para as duas chapas concorrentes.

Este resultado traz outra vantagem além de mostrar que a estratégia categoria dos 40 mil processadores de dados de São Paulo está de fato unida. A votação se deu pelo discutível critério proporcional, e uma vitória apertada produziria uma direção heterogênea, formada por membros de diferentes chapas. Mas como nenhuma das outras chapas alcançou sequer o quórum mínimo de 20% dos votos, a APPD passa a ter uma diretoria coesa e em condições de atuar com eficácia.

A partir da cerimônia de posse, na próxima sexta-feira, na sede do Sindicato dos Eletricitários, a nova direção da APPD-SP começará a levar à prática sua plataforma, que, segundo Assis Aderaldo, concentra-

se em três questões principais: regulamentação da profissão, conquista do Sindicato e defesa dos interesses nacionais no setor.

A regulamentação da profissão de processador de dados, já aprovada na Câmara dos Deputados, deverá proximamente ser submetida ao Senado, e a APPD promete mobilizar a categoria para garantir sua aprovação. Quanto à criação do Sindicato, ganha importância não só devido ao grande número de profissionais da categoria em São Paulo mas também por se tratar de um setor de importância decisiva e crescente em toda a vida econômica e social. Por fim, a defesa dos interesses nacionais, inclusive a reserva de mercado para as indústrias brasileiras na área dos microcomputadores, está colocada na ordem do dia devido à ofensiva das multinacionais, sequiosas de abocanhar este lucrativo setor.



Assis: agora é aplicar a plataforma

Truques do pelego para ganhar eleição nos eletricitários

Utilizando-se de inúmeros mecanismos ilícitos, o atual presidente do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo, Rogério Magri, conseguiu se reeleger no pleito realizado no último dia 29 e continuará seu reinado de imobilismo por mais três anos. A chapa Oposição Eletricitária obteve 4.300 votos, enquanto a de Magri ficou com 10.600.

"O Magri não contava com a formação de uma chapa oposicionista e fez de tudo para impedi-la. Mesmo assim nossa chapa foi formada e, apesar das debilidades e dificuldades, começou a ganhar espaço e respeito na categoria. Isto desesperou o Magri que fez uma campanha baseada em agressões e delações, taxando nossa chapa de ser do PC do B, etc", conta Josué Souza, encabeçador da Oposição Eletricitária.

A partir da constatação de que perdia terreno entre os 20 mil eletricitários, o astuto Magri preparou o campo para a fraude. Adiantou a eleição em 57 dias no interior, procurando evitar que o programa da oposição fosse conhecido, e a manipulou. Funcionários do Sindicato foram enviados a vários municípios para trazer os votos por correspondência em envelopes abertos, o que possibilita falcaturas. Estes truques lhe deram uma vantagem de 2.300 votos no interior e também muitos protestos.

Magri também inventou as "credenciais de voto", desrespeitando a própria legislação eleitoral que exige que para votar seja apresentada a carteira de sócio do Sindicato e que o nome esteja na listagem dos sindicalizados em dia com a entidade. "As credenciais foram distribuídas aos amigos da atual diretoria. Menores de idade, pessoas com menos de dois anos na categoria e até alguns que nunca foram associa-



Josué: atuar no Sindicato

dos receberam a tal credencial", garante o líder oposicionista.

Nas urnas onde sabia que ia perder, Magri atrasou a votação. Na Cesp-Beta as urnas só chegaram às 15:30 horas, sendo que o pessoal as aguardava de manhã. Apesar disto a chapa oposicionista foi vitoriosa. Em Santo Amaro mais da metade dos sindicalizados deixaram de votar devido ao atraso. Houve também um grande número de votos em separado, sem que fosse exigida documentação, o que possibilitou que uma pessoa votasse mais de uma vez. Depois, no dia da apuração, Magri tentou impedir que as fraudes tivessem testemunhas. Colocou quatro "gorilas" na porta do Sindicato, impedindo a entrada dos ativistas.

"Desta vez nossa força ainda foi pequena para desmontar a máquina do Magri. Mas nós mostramos à categoria que existe uma oposição séria, preocupada em mobilizá-la e organizá-la para lutar por nossos direitos. Perdemos a eleição, mas não esta perspectiva de luta", garante Josué.

Ele conclui: "Faço questão de dizer que vamos continuar nossa luta dentro do Sindicato e dos locais de trabalho. Não vamos agir como movimento paralelo. Pressionaremos o Magri a assumir os compromissos com a classe, vamos fortalecer a nossa entidade".

3.600 metalúrgicos paralisam a Belgo

Às 23 horas do dia 3 de outubro os operários da Cia. Belgo Mineira, de João Monlevade, cruzaram os braços, em greve por tempo indeterminado. Desde 12 de agosto os 3.600 operários da Belgo tentaram negociar com a empresa, através de seu Sindicato. Eles querem o reajuste pelo INPC integral, contra o 2.045, e esbarraram na intransigência patronal.

O acordo coletivo de trabalho venceu no dia 30 de setembro. A atitude dos diretores da empresa foi boicotar as insistentes tentativas do Sindicato de discutir as reivindicações. Só compareceram a uma reunião na Delegacia Regional do Trabalho para, arrogantemente, descumprir todos os compromissos que assumiram anteriormente com os trabalhadores. Sempre se negaram a atender às reivindicações e encerraram o processo com a declaração: "Não voltaremos mais a discutir com o Sindicato as reivindicações apresentadas pela categoria".

A principal reivindicação dos operários da Belgo é o reajuste salarial baseado no INPC, sem a aplicação do famigerado 2.045 "que furta mais 20% do nosso já arrochado salário" comenta Leonardo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos. Os operários também exigem garantia no emprego por dois anos e a readmissão dos 213 operários despedidos durante o período de estabilidade conquistado no acordo atual.

Na assembléia a proposta de greve ganhou por 2.620 votos contra 55.

Diante da negativa da empresa em cumprir os acordos e até as próprias leis salariais, a resposta foi vigorosa. Em assembleias no dia 30 de setembro os operários decidiram entrar em greve até que suas reivindicações sejam atendidas. "Nós marcamos o dia 30, Dia Nacional de Luta Contra o Arrocho, com a nossa greve", disse um operário à TO.

ESMAGADORA MAIORIA

A assembléia contou com a presença de 2675 operários, sendo que apenas 55 supervisores votaram contra a paralisação. A repesália veio logo em seguida, com todos tipos de intimidação, desde as pessoais, através de alguns supervisores, que ameaçaram com demissão

sumária se os operários não executassem determinadas tarefas, até caríssimas propagandas divulgadas pela Rádio Globo local, de cinco em cinco minutos, dizendo "A greve é ilegal. A greve vai agravar a situação da empresa e conseqüentemente a sua segurança, pese suas conseqüências", etc.

Outro jogo sujo da empresa é a contratação de mão de obra temporária, em torno de 400 pessoas para "realizar tarefas de manutenção".

Mas os combativos operários de João Monlevade não se intimidaram e prometem: "Vamos até o fim. Se a companhia não nos atender, não ligamos as máquinas". (da sucursal)

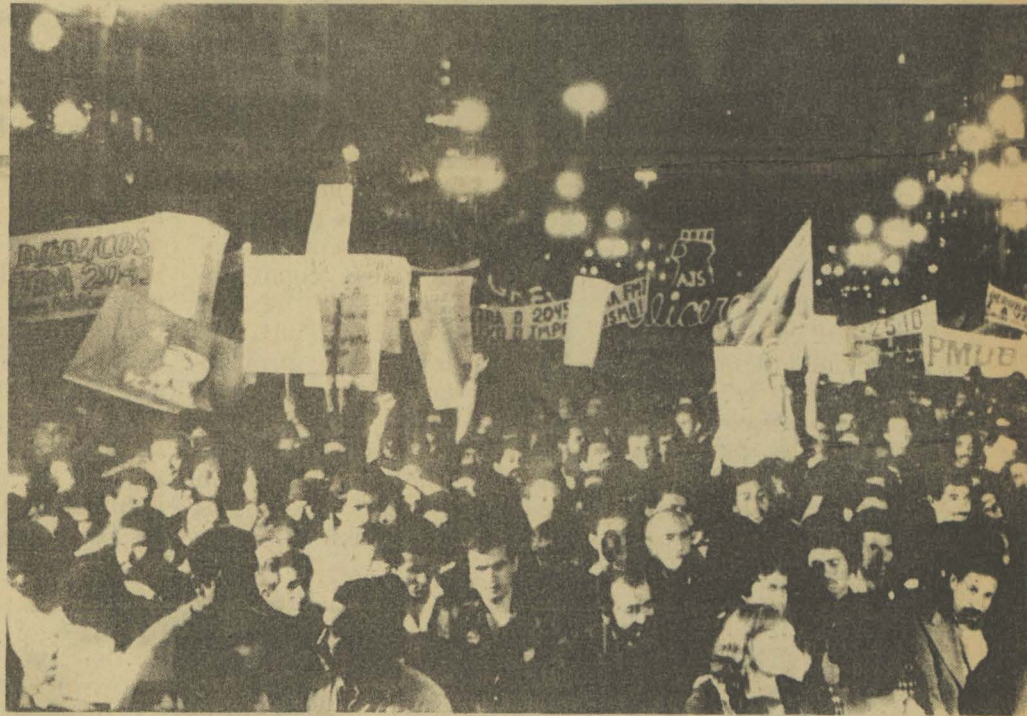
Um Dia de Luta contra o arrocho salarial do governo

No último dia 30 os trabalhadores saíram às ruas em vários Estados do país para exigir a rejeição do decreto do arrocho, o 2.045, e a mudança radical da política econômica do governo militar. A palavra de ordem "Fora Figueiredo" foi repetida em todos os comícios, sendo muito aplaudida pelos populares que anseiam por um novo governo.

Em São Paulo a manifestação na Praça da Sé reuniu mais de 5 mil pessoas. À tarde, numa operação que visava esvaziar o ato contra o 2.045, um grupo de provocadores criou um clima de baderna no centro da cidade, dando tiros para o alto, quebrando vitrines e gritando "olha o saque". Vários comerciantes fecharam suas lojas antes do fim do expediente, dispensando seus funcionários, o que diminuiu o número de populares na região central da capital. A PM, que pouco fez contra os provocadores, tomou as áreas próximas à Sé, criando um clima de medo.

PRESENÇA DO PC DO B

Foram feitas várias caravanas para participar do ato. Mais de 40 ônibus trouxeram os metalúrgicos das principais fábricas. Do Embu, pequeno município da Grande São Paulo, vieram 13 ônibus lotados com 380 moradores, acompanhados do prefeito do PMDB, Nivaldo Orlando. A grande ausência na manifestação contra o arrocho foi a central sindical petista. A maioria dos Sindicatos que seguem sua orientação nem distribuíram convocatórias.



Mais de 5 mil populares participaram do ato na Sé, apesar da onda de provocações.

"Os culpados pela situação de fome e de desemprego é o regime militar e nós temos que colocar para correr o Figueiredo, o Delfim e sua corja", afirmou a desempregada Maria do Socorro, sendo bastante aplaudida. Já o representante da UNE, Acildon de Mattos, enfatizou que "não tem mais conversa com os generais. Nós temos é que colocá-los para fora". E o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos disse que "é necessário repetir a dose do dia 21 de julho. Cada fábrica deve preparar uma nova greve geral".

O PC do Brasil se fez presente na manifestação com inúmeras bandeiras. Quando o presidente do Sindicato dos Padeiros defendeu a liberdade para todos os partidos na clandestinidade milhares de populares gritaram: "1, 2, 3, 4, 5, mil, viva o Partido Comunista do Brasil".

Em Osasco mais de mil pessoas

reuniram-se no Largo da Estação e ouviram, entre outros, um operário falar em nome do PC do Brasil. Em Guarulhos os 500 populares que participaram do ato decidiram realizar assembleias por categorias e por bairro para preparar caravanas a Brasília para pressionar os parlamentares a rejeitarem o 2.045 "ou qualquer outro decreto de arrocho salarial".

"JURUNA TEM RAZÃO"

"Juruna tem razão, Delfim Netto é ladrão", foi o refrão gritado por mais de 5 mil pessoas que participaram da passeata no Rio de Janeiro, marcando o Dia de Protesto. Tropas da PM, com equipamentos antitóxicos e policiais a paisana acompanharam a manifestação de perto. Convocada pela intersindical, associações de moradores, entidades democráticas e partidos de oposição. O ato de Pernambuco contou com 5 mil pessoas. A Polícia Federal interceptou na estrada três ônibus lotados por trabalhadores rurais. No Espírito Santo a forte chuva prejudicou a manifestação, que teve apenas 300 populares. O Diretório Regional do PT decidiu não participar do ato e a intersindical, que tem hegemonia desta corrente, não o convocou. Conduzindo um caixão simbolizando o enterro do ministro Delfim Netto, os cearenses fizeram uma passeata com mais de mil pessoas. Em Porto Alegre a divisão do movimento sindical também dificultou a convocação da manifestação, que contou com cerca de mil trabalhadores. A forte presença da PM, que ocupou todo o Campo Grande, em Salvador, impediu os mais de mil baixanos de realizar uma passeata de protesto contra o arrocho salarial. (das sucursais)



Bandeira do PC do Brasil: presença marcante no ato contra o arrocho salarial.

CDM
Centro de Documentação e Informação do Movimento Operário Popular
Fundação Maurício Grabois

“Não vamos morrer de fome por causa desse governo!”



No dia 28 de setembro o Jardim das Oliveiras (São Paulo) viveu o dia do saque. Cerca de 500 pessoas invadiram o supermercado RS, que fica na rua Manoel Lemos da Silva. Levaram vários mantimentos, como arroz, feijão, óleo, leite Ninho, etc.

Estas pessoas estão desempregadas, homens e mulheres. As crianças estão sem estudo. A causa de tudo isto é esse governo nosso. Enquanto eles estão comendo bem, o pobre desempregado está passando fome. Falam que São Paulo é maior que a crise. Na minha opinião, a crise é maior que o Brasil. Mulheres sendo detidas porque estão tentando matar sua fome, isto é um absurdo.

Nós vamos aumentar isso. Vamos reunir o bairro todo e não vamos morrer de fome por causa desse governo. Não vamos ficar parados. Vamos lutar enquanto não acabar a crise.

Nós não somos rebeldes. O governo é que nos está fazendo perder a cabeça. E vamos nessa. Não vamos fracassar. A crise é maior que o Brasil — e nós assinamos em baixo. (moradores do Jardim das Oliveiras, São Paulo, SP).



Em Alagoa Grande o povo conseguiu mudar de polícia

O povo de Alagoa Grande (Paraíba) conquistou mais uma vitória, o deslocamento de todo o regimento policial que estava fazendo um verdadeiro terror na cidade. Toda pessoa que já tivesse passado pela delegacia e tivesse ficha lá, o batalhão intimava a pessoa, não importando o tempo em que o fato tivesse acontecido e mesmo que a pessoa já estivesse regenerada. Normalmente, se encontrada na rua, ela era presa, algemada e levada para a cadeia, onde era submetida a todo tipo de tortura: desde o espancamento puro e simples até o telefone, murros, pontapés, espancamento com cipó de boi. As sevícias eram impostas inclusive aos mais rudes e simples homens e mulheres do interior.

Isso vinha causando grande revolta da população da cidade, que procurava formas para a solução do problema. Nesse sentido o vereador Renato Galvão, do PMDB, que também é advogado, foi procurado por familiares dos presos para tentar a solução do problema.

Foi feita denúncia ao Comando da PM da Paraíba e ele não tomou as devidas providências. Foi então que o vereador tomou a iniciativa de convocar uma sessão especial da Câmara para discutir a questão e tomar as medidas necessárias. De todos os presentes, entre vereadores, representantes da comunidade e demais autoridades, a única que teve a ousadia de defender os policiais arbitrários foi o juiz, que não é bem visto pela população. Os restantes todos exigiram das autoridades a retirada imediata da corporação. Foi aprovado o requerimento e entregue às autoridades do Estado. E poucos dias depois os policiais foram removidos.

Com isto o povo de Alagoa Grande conquistou mais uma vitória contra a violência que vem imperando na cidade desde antes do assassinato de Margarida Maria Alves, a presidenta do Sindicato dos Trabalhadores. (do correspondente Paraíba).



fala o POVO

Chamamos atenção para a séria advertência que nossos leitores do Jardim das Oliveiras fazem aos poderosos deste país: “Não vamos morrer de fome por causa desse governo”. Esse sentimento, que hoje explode em tantos saques espontâneos, dá bem a medida de como a paciência do povo está a pique de acabar.

Os moradores daquele sofrido bairro operário da periferia Leste de São Paulo dizem: “Não somos rebeldes. O governo é que nos está fazendo perder a cabeça”. Um conselho a eles: não percam a cabeça, companheiros; usem-na! Hoje, mais do que nunca, com a crise, o desemprego, a fome, é hora da nossa classe usar a cabeça e atuar com a decisão de quem sabe o que quer.

Operário da CMTC não é escravo, senhor Edivelto!

A CMTC (Companhia Municipal de Transportes Coletivos, de São Paulo) escraviza empregados. Começou em alguns setores, em julho de 1983, com a chefia pressionando os empregados, transferindo, mandando embora, mudando o horário de trabalho e reduzindo assim o salário, sem nenhuma explicação.

Os empregados que restam são constantemente ameaçados. O sr. Edivelto Tadeu Mendes, responsável das garagens de trem, fala aos funcionários que, se qualquer acidente ocorrer com o veículo, não importa como, o trabalhador será mandado embora.

Devido à redução de empregados, todos têm de trabalhar como escravos, e preocupados se amanhã estarão ou não empregados. Peço à diretoria da CMTC e às autoridades competentes que sejam humanos, porque os empregados não são escravos. A CMTC virou oligarquia. E o sr. Edivelto é um carrasco. (colaborador, operário da CMTC, garagem de Troleibus do Brás-São Paulo, SP).

Garanhuns enche a avenida para combater o 2.045

Foi realizado em Garanhus no dia 23 um ato público contra a aprovação do decreto 2.045, com a participação de cerca de 3 mil pessoas. A av. Santo Antonio, a principal da cidade, ficou repleta de trabalhadores.

A convocação foi dos sindicatos urbanos e rurais de Garanhus e cidades vizinhas, da Fetape, Igreja, PMDB e PT. Apesar da convocação ter sido deficitária, a participação foi boa. Os moradores do bairro de Heliópolis fizeram dois bonecos gigantes, um representando a Fome e outro o Salário Mínimo, e saíram em passeata até o local do ato, gritando palavras de ordem: “Abaixo o desemprego, o povo não tem medo”; “Menino, mulher e homem, todos contra a fome” e outras.

Dos oradores, os mais aplaudidos foram os que exigiram a mudança do governo. Pedro Hugo, presidente do PMDB, disse que “para mudar essa situação não basta apenas demitir Delfim e Langoni, é preciso acabar com todo o governo e construir um novo”. (correspondente em Garanhus, Pernambuco).

Havendo união, um mais um sempre dá mais que dois

As pressões que todos estamos sofrendo não abalam o nosso ideal, que é unicamente o de lutar, não sozinhos mas unidos. Juntos seremos como o um mais um que é sempre mais do que dois.

Devo dizer que não somos poucos, somos milhões. A maioria é quem deve decidir, porém se ela não se pautar a minoria está decidida sempre, sem escrúpulo algum. (M.M.V. Maciel, Alagoas).

Os Jagunços do senador em ação no norte goiano

O senador biônico Benedito Vicente Ferreira, conhecido pela alcunha de Benedito Boa Sorte e presidente do PDS de Goiás, invadiu as posses dos agricultores Francisco Amâncio Barbosa, José Ribamar Vicente e Valdemar Pereira da Silva, no município de Araguaína.

Os posseiros vivem nestas terras desde 21 de junho de 1965. Mas no dia 10 de setembro o senador grileiro chegou, armado de revólver, acompanhado de jagunços e peões portando armas de diversos calibres. Derrubaram 1.500 metros de cerca dos posseiros. O arame foi roubado pelos in-

vasores e, ainda por cima, os posseiros foram ameaçados de morte pelo gerente pistoleiro do senador.

Benedito tem um currículo marcado pela violência, assassinatos e desaparecimentos de peões. Segundo relato de trabalhadores, muitos peões vindos do Nordeste, sem família, recebiam a morte como pagamento depois de três ou quatro meses de trabalho na fazenda Levinha, de propriedade do senador biônico e seu irmão Ademar. Em 1972 este irmão expulsou cinco piauienses das terras que cultivavam desde a década de 50. Depois Ademar foi assassinado e o

próprio senador passou a perseguir os moradores da região do Grotão do Facho.

Estes foram alguns dos atos que levaram Benedito Boa Sorte a construir uma das maiores fortunas do Norte Goiano. Esta fortuna só não é maior que o ódio que os trabalhadores da região nutrem pelo senador grileiro do PDS. Quando os posseiros tiveram suas terras invadidas, dia 10, não deram ouvidos às ameaças e procuraram o Sindicato, que tomará medidas para assegurar os direitos dos que habitam as posses. (um amigo da TO — Araguaína, Goiás).

Olá Osvaldão

— Olá Osvaldão!
(negro atleta e guerrilheiro)
já cessou a tua guerra?
quanto de estanho quente
no teu corpanzil se alojou?
O teu povo, guerrilheiro,
motivo de tanta pertinácia
e luta vã, continua o mesmo
escravo da fome
e a miséria recrudescer.
E a tua luta, Osvaldão!
Quanto e quem ousadamente retomará?
(Goiamérica-Goiânia, GO)



Vereadores em bloco contra 2.045

A luta contra o decreto 2.045, que o regime procura aprovar para obter os empréstimos do FMI, é apoiada por toda a nação. O 2.045 é uma suja negociata, cujas conse-

quências recairão sobre os trabalhadores.

Na Câmara Municipal de São Paulo, a quase unanimidade dos vereadores se posicionou contrária ao decreto

2.045. Pronunciamentos, debates e assembléias mobilizaram pela primeira vez o conjunto dos vereadores a se posicionarem publicamente contra o decreto.

O vereador Walter Feldman (PMDB) apresentou um requerimento propondo que a Câmara manifestasse sua posição através de uma faixa. A proposta foi aprovada por 30 vereadores. Apenas três vereadores não estavam presentes. Quatro vereadores do PDS votaram favoravelmente.

A repercussão da faixa tem sido enorme junto à população de São Paulo, que ficou assim sabendo do posicionamento de seus representantes.

(um funcionário da Câmara-São Paulo, SP).

Vereador do PDS trata o povo a tiros e pontapés

O vereador pelo PDS em Coratá Roberto Antonio de Castro vem abusando do poder. Há poucos dias pegou um pobre segurado do INAMPS dentro da agência de Coratá e o espancou a soco e pontapé. O segurado é um débil mental. Dr. Roberto é o único perito que faz as atividades nos serviços de perícias no setor urbano e rural. Não gosta de atender o segurado do setor rural. Vem no dia que quer e ninguém pode dizer nada, o homem é uma fera.

Ele já vem brigando com todos os médicos da cidade. Há poucos dias, para provar melhor a sua ignorância, agrediu brutalmente o médico dr. Diniz.

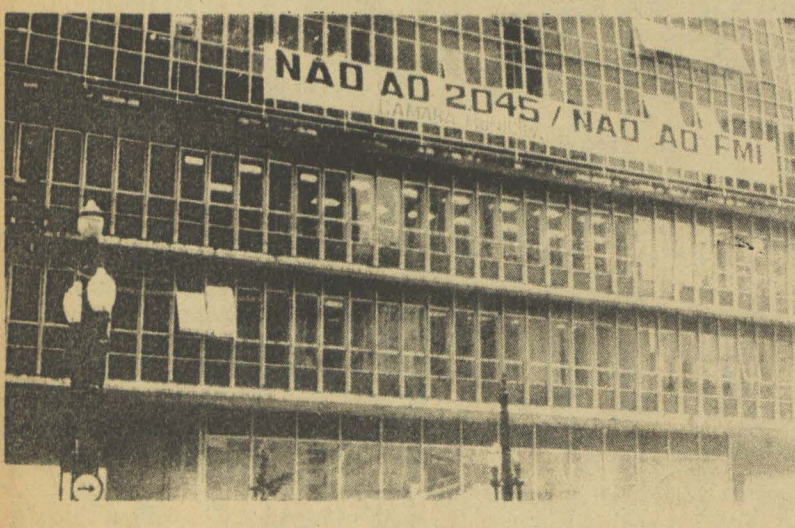
Isso aconteceu por causa de que o dr. Diniz cortou o ponto do citado médico, dr. Roberto. O referido ignorante, dr. vereador do PDS, tem o apoio do deputado Vitor Trovão e do deputado estadual do PDS, Ricardo Murad, os dois do PDS.

Recentemente, no dia 7 de setembro, o médico baderneiro e vereador do PDS, em plena rua, sacou do seu revólver no meio da multidão, na Praça José Sarney, detonando seis tiros. Significa dizer que enquanto o bom brasileiro se preocupa em festejar essa grande data, o dito vereador arremessa balas no meio do povo. (A.L.A. Coratá, Maranhão).

Assembléia capixaba parabeniza a Tribuna

Senhores: Agradecemos a V. S. a. a Assembléia Legislativa aprovou o Requerimento de autoria do ilustre parlamentar Josmar Pereira, de um voto de congratulações com o povo brasileiro e, em particular, com a classe operária de Cachoeiro do Itape-

mirim, pela inauguração da sucursal cachoeirense do jornal Tribuna Operária. Ao dar ciência a V. S. a. a manifestação deste Poder, enviamos nossos protestos de mais alta estima e consideração. (Salvador Bonomo, 1º secretário da Assembléia Legislativa do Espírito Santo).



LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Forma prática para o combate

Com o agravamento da crise política, por todo lado se espalha a idéia de que o governo atual está com os dias contados. Cresce o interesse em discutir a proposta dos comunistas de união em torno de um governo provisório para sair da crise.

ABORDAR A REVOLUÇÃO

O proletariado tem como programa para a atual etapa da revolução a conquista da democracia popular, em marcha para o socialismo — um poder revolucionário do proletariado e das massas camponesas, sob a direção da classe operária. Mas este não é ainda um objetivo de amplos setores de massas e de outras correntes de opinião. Muitos que não estão dispostos a lutar por um poder popular, concordam entretanto que é urgente por fim ao regime militar e mobilizam-se para alcançar um novo governo, de conteúdo democrático.

Ao levantar a luta por um governo provisório de frente única, o proletariado ao invés de se limitar a proclamar os objetivos revolucionários, trata de abordar a revolução em termos de massas. Ou seja, além de elaborar o projeto da máquina, cuida concretamente da colocação de cada peça para que a sua construção se transforme em realidade.

Algumas pessoas imaginam que este governo deveria ter um programa definido a ser cumprido. Mas as questões que um governo provisório deste tipo pode resolver, não constituem um objetivo em si mesmo. São problemas imediatos, como o fim dos acordos com o FMI e a suspensão do pagamento da dívida externa, mas o seu alvo essencial é garantir a liberdade política para que o povo decida sobre os rumos do país. No curso da luta alguns destes problemas perdem importância e outros tornam-se mais urgentes. Nesta batalha, as massas elevam o seu nível de consciência e avançam na compreensão do programa do proletariado.

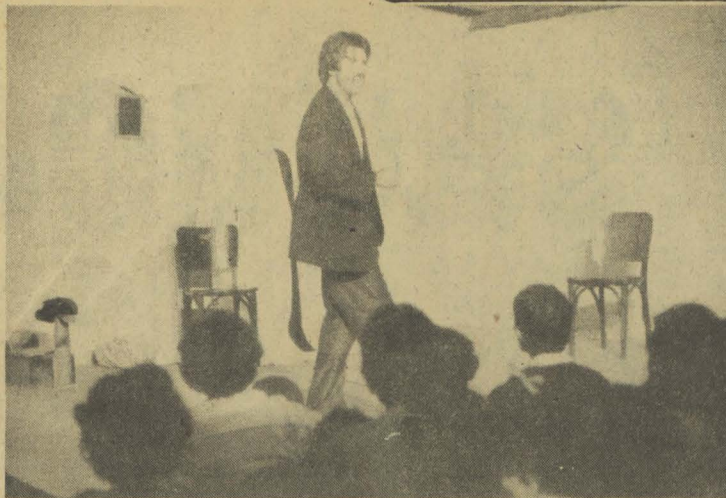
ROMPER O IMPASSE

A questão urgente, que permite mobilizar as mais amplas forças, incluindo as correntes patrióticas e democráticas, é romper o impasse gerado pelo monopólio do poder mantido pelos generais. E ao quebrar o arbítrio abre caminho para que o povo coloque como exigência um novo regime, de democracia popular. Ou seja, este governo democrático tem uma função eminentemente provisória, é para a classe operária uma forma concreta de abrir caminho para a revolução.

Dimitrov dizia sobre esta questão: "Há quinze anos, Lênin nos convidava a que concentrássemos toda a atenção em procurar formas de transição para a revolução proletária. Poderá acontecer que o governo de frente única seja, numa série de países, uma das formas de transição mais importantes. Os doutrinários de esquerda passaram sempre de longe em relação a esta indicação de Lênin, falando somente da meta como propagandistas limitados, sem preocupar-se jamais com as formas de transição. E os oportunistas de direita tentaram estabelecer uma fase democrática especial entre a ditadura burguesa e a ditadura do proletariado, para sugerir à classe operária a ilusão de um pacífico passeio parlamentar de uma à outra."

CLASSE DE VANGUARDA

A compreensão desta importante questão é que vai permitir à classe operária elevar-se concretamente à condição de classe de vanguarda. Por um lado lhe permitirá buscar a unidade mais ampla e com isto acumular força. Por outro lado terá firmeza para colocar a luta como caminho fundamental para que as massas liquidem as amarras da opressão e conquistem a libertação política e social.



Arnaldo Paloschi em uma cena de "Aluguel Vencido"

O problema da moradia numa peça de teatro

"Aluguel Vencido", a atualíssima história de um desempregado que é preso por não pagar o aluguel da casa onde mora, é uma peça que tem despertado grande interesse na periferia de São Paulo. Seu autor, Daniel Pedro, e o intérprete, Arnaldo Paloschi, falam sobre esse trabalho, que será apresentado dia 9 em Centreville, à Tribuna Operária.

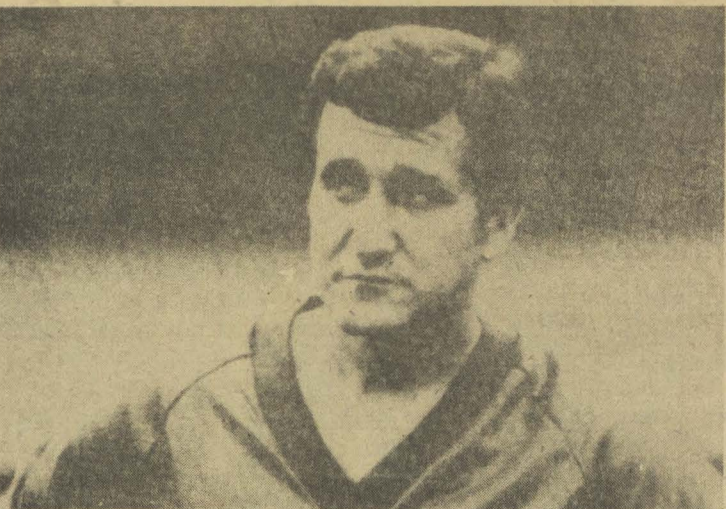
"O que me inspirou a escrever essa peça", conta Daniel, "foi uma notícia de jornal. Um sujeito desempregado, preso por não pagar o aluguel. Isso em 1980. De lá pra cá essa situação só fez piorar, e em julho deste ano nós levamos a peça aos palcos da periferia, num trabalho amador do Grupo Teatral Jaquiti De xaficá. Após as apresentações, sempre surgem debates riquíssimos. A grande maioria dos assalariados depende de aluguel, e tem um medo danado do desemprego, que ronda todo mundo".

Arnaldo conta que a receptividade à peça "tem sido muito boa. Nosso trabalho é voltado para a periferia, então os debates saem naturalmente, após a apresentação. Pela experiência do trabalho com o texto, e com os próprios debates, a gente foi ficando preparado pra essas discussões. É uma

necessidade muito grande do povo discutir a moradia".

Daniel escreve para teatro desde 1975: "Comecei em Osasco. A princípio as pessoas não sabiam o que era o teatro. A gente dizia — 'É algo parecido com novela'. A minha temática sempre foi ligada à vivência do povo. E isso cria situações interessantes. Quando fiz 'O Diabo Feminista', por exemplo, os homens não levavam suas esposas para assistir. Gostavam da peça, mas nada de levar a mulher. Isso gerou muito polêmica."

"Aluguel Vencido" será apresentado dia 9 no Centreville, conjunto residencial ocupado por trabalhadores em Santo André, durante o lançamento do livro "Eu não tenho onde Morar", às 16 horas. Contatos com Daniel podem ser feitos pelos telefones: 36.1150 ou 36.0600.



Parreira tem de decidir se quer mesmo renovar a seleção

A seleção de Parreira em busca da afirmação

O Brasil se prepara para nos dias 13 e 20 deste mês enfrentar o Paraguai pelas semifinais da Copa América. O técnico Parreira não promete novidades no time, que será convocado apenas uma semana antes do primeiro jogo, em Assunção. Senão quanto à escalação, esperam-se mudanças ao menos no rendimento do selecionado.

A campanha do Brasil na primeira fase não foi propriamente exemplar. Discretamente, passamos por Equador e Argentina. A única exibição que realmente agradou foi uma goleada sobre a fraca seleção equatoriana, no Brasil. Nos demais jogos, mais do que qualquer outra coisa, ficou a certeza de que o time de Parreira não convenceu.

Sem dúvida, diversos fatores contribuíram para esse fraco desempenho. Jogadores e clubes queixam-se das tabelas dos campeonatos regionais, com até dois jogos por semana. Agora que vários certames entram em fases decisivas, mais uma vez a seleção será prejudicada pela falta de um calendário racional para o futebol brasileiro.

Sentimos também a evasão de craques para a Itália, que desmontou o meio-campo da seleção de 82 e deixou a Parreira a ingrata tarefa de reorganizá-la com

base em novos valores. Um trabalho que nem sempre dá resultados a curto prazo.

O que se pode esperar é que Parreira dê estabilidade ao time, cuja característica nos primeiros jogos foi a ausência de um padrão de jogo. Fomos capazes de alternar um futebol brilhante e ofensivo contra o Equador e uma atuação tímida e apática contra a Argentina, que nos valeu a inesperada derrota da partida de Buenos Aires.

Se alguns dos novos jogadores não corresponderam, como Carlos Alberto Borges, outros mais experientes, como Júnior, foram uma grande decepção. E o que não se entende é por que Parreira, que apresenta como desculpa para os maus resultados a suposta renovação que estaria fazendo, não dá oportunidade a outros jogadores. Já que a Copa América não é, em si, tão importante para o técnico, então que faça mais experiências com Vladimir, por exemplo.

Ao fecharmos esta edição, ainda não havia saído a convocação. Mas Parreira já anunciou que não vai chamar novos jogadores. Escoherá 19 entre os 25 inscritos para a Copa América. Resta à torcida, portanto, esperar que esse time deslencabile e afirme o seu futebol. (Silvio Queiroz).

Ilusões americanas de um cucaracha

O humorista e jornalista Henfil está com novo livro na praça: *Diário de um Cucaracha*. São cartas enviadas dos Estados Unidos a amigos no Brasil narrando as suas peripécias na terra do Tio Sam, impressões de viagem, e de vida. As ilusões e decepções de um brasileiro na superpotência ocidental, o todo poderoso Estados Unidos da América.

No dia 4 de outubro de 1973 um brasileiro, Henrique Souza Filho — o Henfil — desembarcou em Nova York. Ia fazer tratamento de saúde. Mas, conforme confessou numa entrevista ao *Pasquim* em junho daquele ano — e só agora divulgada —, o tratamento era 10% do motivo da viagem. "Agora vamos aos 90%. Eu tenho dois personagens que me interessam muito: o Fradinho e o Zeferino. Esses dois personagens estão estagnados. Estagnados dentro da minha idéia, que é fazer o desenho animado com o Fradinho, com o Zeferino. (...) Eu quero chegar lá e vai ser uma lenha. Que leve 20 anos, que leve 30 anos, mas eu quero chegar lá porque eu acho que é um negócio que vai me satisfazer profissionalmente. Por acaso, onde eu vou aprender o know-how é nos Estados Unidos. É óbvio, ninguém precisa dizer que não é. Outro problema é que eu preciso viver uma experiência internacional".

Acabou o sonho do humorista

Henfil não ficou 20, nem 30 anos. Dois anos depois já estava de volta ao Brasil. Antes de embarcar para o retorno, enviou uma carta a um amigo: "O erro nosso é achar que o americano vai aceitar um humor de fora. (...) É um sonho achar que isto aqui está aberto para o mundo. Nunca! (...) O underground acabou aqui. Acabou mesmo. Já foi assimilado no que tinha de exótico, e o que era realmente corrosivo foi para o local já reservado pelo sistema mais inteligente do mundo: o gueto! Pornografia? Tem, sim. No gueto da pornografia. Radicais de esquerda (seria considerados udenistas no Brasil) têm lugar aqui, sim. Nunca ensinando numa universidade ou falando na TV em cadeia nacional. Estão no gueto dos radicais. Quando a época surge, o momento histórico, eles vão lá e tiram ou sorteiam um dos guetos para virarem algo que o povo deva conhecer. Mas quando fazem isto, fazem de uma maneira tão bem organizada, tão em grande escala, que o espírito da coisa evapora e o autor perde o controle. Depois de chupar a laranja, jogam fora".

Infórtúnios dos exilados

Entre a entrevista ao *Pasquim* e a desilusão expressa na carta ao amigo, Henfil escreve centenas de outras cartas, narrando as-

pectos da vida do povo norte-americano, as dificuldades de brasileiros conseguirem adaptar-se ao modo de vida dos gringos, acontecimentos políticos dos Estados Unidos, América Latina (em especial o Brasil), infórtúnios de exilados e perseguidos da ditadura militar fascista brasileira.

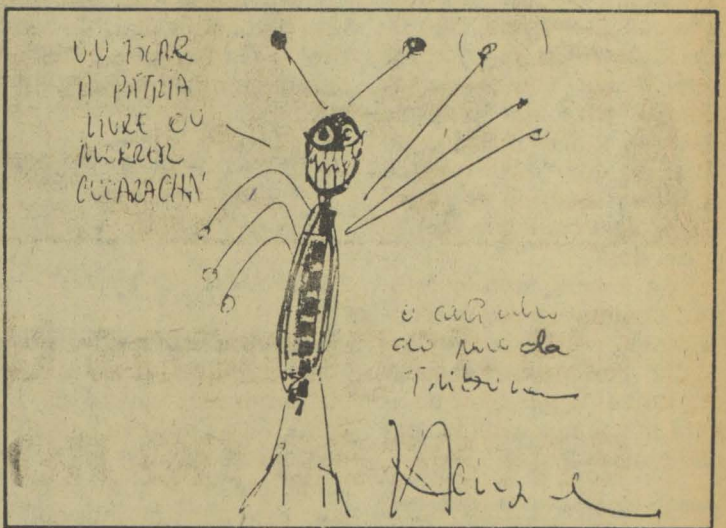
Os reflexos da ditadura

Diário de um Cucaracha é o despertar do sonho americano do Henfil. Nas suas quase 300 páginas o humorista se expõe: "Durante os anos que vivi em Nova York (73-Watergate-Chile-Vietnã-75) escrevi perto de 60 cartas para os amigos. (...) Contava meu deslumbramento inicial, minha trau-

mática via-sacra pelos hospitais americanos, o encontro com o irmão exilado e os detalhes da minha experiência num sindicato distribuidor de quadrinhos para todo o Universo! As cartas foram recuperadas e algumas saíram publicadas na revista do Fradim. Mas a história completa está aqui em forma de diário — *Diário de um Cucaracha* — que é como os americanos se referem aos latino-americanos e quer quer dizer: baratas".

Nas cartas do Henfil, o reflexo de um período em que trabalhadores, democratas penavam no Brasil. Viviam o sufoco do desaparecimento e assassinato de opositores, censura à imprensa, exílios...

Diário de um Cucaracha vale ser lido. A dificuldade, nestes tempos de crise e carestia, é conseguir os Cr\$ 3.700,00 para comprá-lo. A edição é da Record, e existe uma capa "só para mulheres" (sem a barata). (Carlos Pompe)



HENFIL DIÁRIO DE UM CUCARACHA



A capa "para homens" do diário do Henfil

A crítica marxista ao eurocomunismo



O Eurocomunismo é Anticomunismo, de Enver Hoxha — secretário do Partido do Trabalho da Albânia —, é o próximo livro que a Editora Anita Garibaldi vai lançar.

Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, antiga Trav. Brig. Luiz Antonio, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318. Telefone: 36.7531 (DDD 011). Telex: 01132133 TLOPBR.

Jornalista responsável:

Pedro de Oliveira

Conselho de Direção:

Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel.

Sucursais:

ACRE — Rio Branco: Rua Belém, 91. Estação Experimental Rio Branco. CEP 69000. AMAPÁ — Manaus: Rua Simon Bolívar, 231. A (Pça. da Saudade). CEP 69000. PARA — Belém: Rua Aristides Lobo, 620. Centro. CEP 66000. MARANHÃO — São Luiz: Rua do Machado, 174. Centro. CEP 65000. PIAUÍ — Teresina: Rua Eliseu Martins, 1130. 1º andar. CEP 64000. CEARÁ — Fortaleza: Rua do Rosário, 313, sala 206. CEP 60000. Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4. CEP 62100. RIO GRANDE DO NORTE — Natal: Rua Fonseca e Silva, 1098, sala 202, Alecrim. CEP 59000. PARAIBA — João Pessoa: Rua Padre Meira, 30, sala 108. CEP 58000. CAMPINA GRANDE: Rua Venâncio Neiva, 318, 1º andar. CEP 58100. PERNAMBUCO — Recife: Rua Sossêgo, 221. Boa Vista. CEP 50000. CABO: Rua Vigarão Batista, 239. CEP 54500. GARANHUNS: Rua 13 de Maio, 85, 1º andar, sala 3. CEP 55300. ALAGOS — Maceió: Rua Cincinato Pinto, 183, Centro. CEP 57000. SERGIPE — Aracaju: Rua João Pessoa, 299, sala 28. CEP 49000. BAHIA — Salvador: Rua Sen. Costa Pinto, 845, Centro. CEP 40000. FEIRA DE SANTANA: Av. Getúlio Vargas, 260, sala 101. CEP 44100. CAMAÇARI: Rua José Nunes de Matos, 12. CEP 42800. ITABUNA: Av. Juracy Magalhães, 180, sala 204. CEP 45600. MINAS GERAIS — Belo Horizonte: Av. Amazonas, 491, sala 817. Fone: 224.7605. CEP 30000. JUIZ DE FORA: Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411. CEP 36100. GOIÁS — Goiânia: Rua 27, nº 69, Centro. CEP 74000. DISTRITO FEDERAL — Brasília: Ed. Goiás, sala 322, Setor Comercial Sul. CEP 70317. Fone: 321.5095. CEP 78000. MATO GROSSO DO SUL — Campo Grande: Rua Antonio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15. CEP 79100. ESPÍRITO SANTO — Vitória: Av. Vitória, 961. Forte São João. CEP 29000. RIO DE JANEIRO — Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208. CEP 20000. Rio de Janeiro: Rua Carvalho de Souza, 155, loja F. Madureira. CEP 20000. NITERÓI: Av. Amaral Peixoto, 370, sala 807. CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101. CEP 25000. NOVA IGUAÇU: Rua Otávio Tarquínio, 74, sala 605. CEP 26000. SÃO PAULO — São Bernardo do Campo: Rua Tenente Sales, 229, sala 32. CEP 09700. São Caetano do Sul: Rua Sta. Catarina, 39, sala 303. CEP 09500. Campinas: Rua Regente Feijó, 592. CEP 13100. Marília: Rua Dom Pedro, 180, 1º andar. CEP 17500. PIRACICABA: Rua Gov. Pedro de Toledo, 1367. CEP 13400. RIBEIRÃO PRETO: Rua Sergipe, 119. CEP 14100. Santos: Av. D. Pedro II, nº 7. CEP 11100. São José dos Campos: Rua Sebastião Humel, 185, sala 7. CEP 12200. Taubaté: Rua Souza Alves, 632, sala 5. CEP 12100. PARANÁ — Londrina: Rua Sergipe, 891, salas 7 e 8. CEP 86100. RIO GRANDE DO SUL — Porto Alegre: Rua General Câmara, 52, sala 29. CEP 90000. Caxias do Sul: Rua Dr. Montauray, 658, 1º andar, sala 15. CEP 95100. Pelotas: Rua Andrade Neves, 1589, sala 403. CEP 96100. A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta e impressa por Proposta Editorial, Rua Heitor Penteado, 236, loja 8. Tel.: 263.3115 - São Paulo - SP.

Falam os saqueadores

Na Zona Leste, campeã de pobreza e de saques de São Paulo, fica a favela do Jardim Robru. Estive lá e conversei longamente com os saqueadores. Tomei até um cafezinho, com pó e café saqueados. Aqueles pais e mães de família — na maioria sem emprego — me explicaram como e porque saqueiam. Eles resolveram que seus filhos não podem mais passar fome.

A casa era muito pequena para acomodar os 13 entrevistados, mais as inúmeras crianças, que também participaram dos saques. Era com certo orgulho que eles comentavam como fizeram para se livrar da fome. A maioria era de mulheres, só duas delas com marido empregado. Uma destas, dizendo que o esposo é metalúrgico mas ganha uma mixaria, comenta: "Eu estava passando fome; e agora não passo mais".

Desempregado e fome é o que mais se vê na favela. E todos fazem questão de mostrar o produto dos ataques: arroz, feijão, latas de óleo, leite em pó. Uma mãe de sete filhos explica: "Estávamos passando fome. Não tinha dinheiro para comprar leite. Fazia chá de ervas-cidreira para dar para as crianças". Seu marido, ao lado, diz que "dava vontade de chorar quando as crianças pediam comida e eu não podia dar".

"Eu e meu marido estamos desempregados — conta outra. — Ai saqueamos. Agora eu preciso saquear um bujão de gás, porque agora nós temos comida mas não temos o bujão".

No primeiro 100, no segundo 500...

Ao que parece, a idéia surgiu a partir dos saques na região de Santo Amaro, em abril. "A gente estava procurando uma solução para enfrentar a fome e eles nos deram". Quando saiu na televisão a notícia de novos saques, em setembro, diz uma das mulheres, "ai começamos a nos reunir". No início os maridos não queriam que as mulheres participassem, mas depois viram as panelas cheias e mudaram de idéia. Uma favelada relata: "No primeiro dia o meu marido quis me

dar um cacete; mas no segundo dia ele foi junto".

Foram feitos três saques no Jardim Robru. O primeiro foi no supermercado Kadeara, com cerca de cem participantes. O seguinte foi no supermercado Confiança e, segundo os moradores, "o pessoal já tinha mais prática". E havia aumentado também, para umas 500 pessoas. Um vigilante apontou o revólver para um deles, mas não ousou atirar e, com medo, ofereceu a arma ao saqueador. Este, um rapaz, disse que queria pegar era arroz e feijão, não armas. Já no terceiro saque, dia 1º de outubro, no supermercado Mil, contam que "houve muito chumbo, foram detonados mais de cem tiros". Os famintos responderam com pedras e estilingues.

"Não resolve, só quebra o galho"

As famílias ficavam de alerta em seus barracos: "A gente via as pessoas passando com as sacolas, então já sabia que era a hora de ir". No caminho ia juntando gente, não só da favela, mas de todo o bairro, onde todos são gente pobre e açoiada pelo desemprego. Ia inclusive a vizinhança dos supermercados atacados.

Conforme a entrevista esquentava, cada um, entusiasmado, quer contar um lance dos saques. Dizem que houve até uma "baratinha" da Polícia Militar que passou por onde havia um saque e saiu cheia de mantimentos. Uma dona de casa conta: "Um motorista que estava recolhendo o ônibus na garagem parou o carro e tomou a caixa que estava comigo e foi embora".

A tática é a da surpresa: quando a porta do supermercado é arrombada, o negócio é pegar as coisas o mais rá-



"Café saqueado é mais gostoso", garantiu a dona da casa ao nosso repórter, quando servia a todos os entrevistados, retomando um velho hábito há muito deixado de lado nos bairros operários da periferia; ao lado, produtos do último ataque: arroz, feijão, leite, sabão, óleo, bolacha...

pido possível e correr. Um pai de família comenta seu pensamento ao ver toda aquela mercadoria: "Amanhã vou ter a barriga cheia". Mas uma jovem mãe faz questão de explicar: "Aqui a gente não pega só para si. Quem não pode ir, depois a gente dá. As senhoras de idade, que não podem correr, depois a gente arruma comida para elas".

Há um certo espírito de Robin Hood nos entrevista-

dos. Contam que depois do primeiro saque "foi uma festa, todo mundo comentava e quem não foi perguntava quando ia ter outro saque; quem ficou mais alegre foram as crianças". Quando uma mãe fala que "as crianças vão junto, mas elas querem é balas", outra cita logo com orgulho o caso de um menino de dez anos que participou do ataque e trouxe uma panela de pres- sa para sua mãe.

Um desempregado é incisivo: "De hoje em diante nós não vamos passar mais fome". Outro acrescenta: "O dia que oferecerem emprego para a gente nós não precisamos saquear. Mas a gente tem certeza também que se for aprovado o 2.045 vai aumentar muito os saques".

A partir daí a discussão toma outro rumo: "O saque não resolve, só quebra o galho. É preciso uma so-

lução contra a miséria" — fala um motorista demitido. Outro comenta: "Nós vamos fazer é como na Nicarágua".

"Tendo emprego não tem saque"

O Jardim Robru fica em São Miguel Paulista, na ex-

tremidade leste de São Paulo — a região mais pobre da cidade e também a mais atingida pelos saques. Mas os ataques a supermercados já somam 65 na capital paulista desde o último dia 19. Contando também os do Rio de Janeiro, chegam quase a 200. E passaram para outros Estados, como o Espírito Santo: ali já houve três saques, no morro do Quadro, em Serra e no bairro de Itaenga, na Grande Vitória, onde cem populares famintos não vacilaram em saquear um caminhão carregado de ossos e restos de comida.

A guerra contra os esfomeados

A preocupação dos donos do poder com o fenômeno é visível. Terça-feira o general Figueiredo baixou um decreto aumentando o controle do Exército sobre as Polícias Militares, que poderiam passar automaticamente a obedecer do comandante militar da área, no caso de "perturbação da ordem", sem que o governador do Estado seja sequer informado. Ao invés de saciar a fome do povo, os militares investem contra os famintos. Em São Paulo, até dois helicópteros estão mobilizados para policiar a periferia, como em tempos de guerra.

Algumas autoridades afirmam que movimentos políticos estão organizando os ataques. Mas até o delegado geral de polícia do Estado de São Paulo, após visitar diversas delegacias, confirmou: "Falei com os saqueadores; constatei que quando não agem porque estão com fome o fazem pelo estado de miserabilidade".

"A gente vai atirar também"

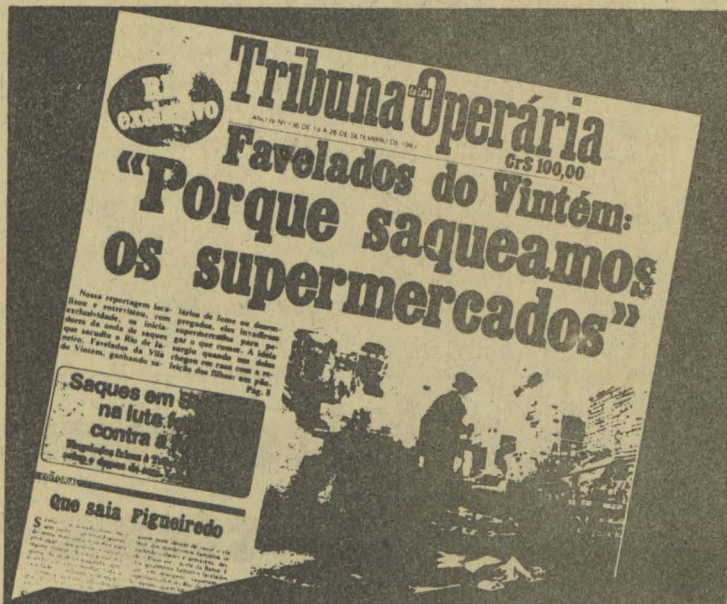
Os comerciantes das Zonas Leste e Sul de São Paulo fortificam seus estabelecimentos, contratam vigilantes armados com Winchester e carabinas. Várias pessoas já foram feridas a bala. O povo tem reagido a pedradas. As mulheres do Jardim Robru, mesmo preocupadas com os tiroteios, dizem estar dispostas a tudo para conseguir alimentos para seus filhos. Uma mãe, com seu filho de seis meses no colo, dizia: "Se eles matarem algum dos meus filhos, eu vou atirar também". (Domingos Abreu)

Escalada repressiva contra a TO

As prisões arbitrárias que se abateram sobre a favela Vila do Vintém (ver TO n.º 138) se transformaram numa escalada repressiva como não se via há anos no Rio de Janeiro — executada pelo Departamento de Investigações Especiais (DIE) do governo Brizola. O alvo da perseguição é a Tribuna Operária, acusada de incitar saques de supermercados.

Já foram realizadas quatro prisões, inteiramente ilegais segundo a Ordem dos Advogados do Brasil; cinco domicílios foram invadidos pelo DIE e cerca de 20 pessoas intimadas a depor. A única "prova" apresentada pela polícia é a entrevista, publicada na edição 136 da TO, com moradores da Vila do Vintém que assumiram a responsabilidade pelo primeiro saque ocorrido no Rio — devido à fome.

Tanto a OAB-RJ como o recém-criado Conselho de Justiça, Segurança Pública e Direitos Humanos do governo estadual puderam constatar uma série de violações de direitos básicos na ação do DIE. Em primeiro lugar, é patente a ilegalidade das prisões. Além disso, os advogados da OAB tiveram vedado o acesso aos



Esta edição é a "prova" que a polícia agita para reprimir.

presos até quase 48 horas após as prisões. Há evidências de que as residências foram arrombadas e invadidas ilegalmente. E já surgem os primeiros testemunhos de maus tratos físicos: Plínio Alves da Cruz, morador da favela, preso dia 26, denunciou ter sido colocado numa sala do DIE e obrigado a pular, de cócoras, na frente dos policiais.

Tudo indica que a iniciativa de transformar a TO em bode expiatório dos saques parte dos mesmos velhos inimigos da liberdade de imprensa e responsáveis pela miséria do povo brasileiro. Até parece que quem comanda as operações é a

Polícia Federal e não o governo carioca. No entanto, no alto escalão do governo Brizola a postura tem sido no mínimo de omissão e conivência. E persiste a intimidação, com rondas policiais constantes na favela e telefonemas seguidos do DIE.

No interior do próprio governo estadual e do PDT se levantam os protestos contra a ação do DIE. Em particular o deputado pedetista José Frejah destacou-se na denúncia dos ataques à liberdade de imprensa e à Tribuna. Brizola, porém, parece estar tratando de achar o "culpado" que mais interesse ao regime militar. (da sucursal).

A opinião pública contra o DIE

A ação repressiva contra a Tribuna e os favelados do Vintém causou forte repercussão e repulsa no Rio. Na manifestação de 30 de setembro três oradores — representando o PT, o PMDB e a Intersindical — se solidarizaram com o jornal e foi lida uma nota de denúncia da TO.

O presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Barbosa Lima Sobrinho, declarou terça-feira ao chefe da sucursal carioca do jornal que considera a acusação do DIE totalmente infundada. "O verdadeiro agitador — disse — está contido dentro do estômago do povo, condenado à fome e à miséria pelo atual quadro econômico do país". O presidente da ABI prometeu enviar imediatamente uma carta ao governador Leonel Brizola exigindo o fim desse ataque à liberdade de imprensa.

A diretoria da Fameri (Federação das Associações de Moradores do Rio de Janeiro) emitiu uma nota de condenação da ação repressiva e solidariedade à TO. Já o presidente do Sindicato dos Metroviários do Rio, Geraldo Cândido da Silva, divulgou uma enfática nota rejeitando "a repressão que se abate sobre este órgão



Barbosa Lima: carta a Brizola

de imprensa que sempre esteve voltado para a luta da classe trabalhadora". Também o Conselho de Representantes da Associação Nacional de Médicos Residentes, reunido no Rio, pronunciou-se, afirmando: "Tais arbitrariedades têm como cerne atingir a liberdade de imprensa e encobrir os reais responsáveis pelas manifestações de insatisfação popular, que são a fome e o desemprego, frutos da política econômica e social do governo federal".

A Comissão Executiva do PMDB carioca, por sua vez, considera que o governador está "permitindo ou incentivando a montagem de uma farsa político-policial".

O CONSELHO EXAMINARÁ

Por uma coincidência feliz, a escalada repressiva ocorreu às vésperas da inauguração do Conselho de Justiça, Segurança Pública e Direitos Humanos do Rio de Janeiro. Embora ligado ao governo estadual, o Conselho já em sua sessão solene de abertura foi forçado a decidir-se pelo exame do episódio da perseguição à Tribuna Operária que será analisado e julgado na próxima segunda-feira, 10 de outubro.

Contra a perseguição à Tribuna Operária, Fundação Maurício Graciano